

VICENTE FERNANDES DUTRA FONSECA

**RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS GAÚCHAS
UM ESTUDO DA PROGRAMAÇÃO JORNALÍSTICA**

Porto Alegre

2007

VICENTE FERNANDES DUTRA FONSECA

**RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS GAÚCHAS
UM ESTUDO DA PROGRAMAÇÃO JORNALÍSTICA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Comunicação Social – Jornalismo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Departamento de Comunicação

Orientadora: Sandra de Deus

Porto Alegre

2007

DEDICATÓRIA

*À minha orientadora, Sandra de Deus,
pelo carinho e pelos milhões de auxílios
prestados.*

*À minha família, que tanto me ajudou
nesta caminhada.
E à Juliana, pelo amor e por dar sentido
a todos os meus passos.*

RESUMO

Este trabalho apresenta um panorama da produção jornalística na programação das quatro rádios universitárias federais do Rio Grande do Sul: a Rádio da Universidade (UFRGS), a Federal FM (UFPEL), a Rádio Universidade AM (UFES) e Rádio Universidade FM (FURG). Apresentaremos, de início, um histórico do rádio e do rádio educativo no Brasil. Para definir se estas emissoras praticam ou não o jornalismo em suas programações, utilizaremos as teorias do jornalismo e explicaremos os gêneros radiofônicos, selecionando alguns programas com perfil mais voltado para a informação, e os abordamos conforme as teorias previamente apresentadas. O objetivo é analisar a situação da programação destas emissoras para questionar os seus papéis enquanto emissoras universitárias públicas: divulgar a cultura e o conhecimento junto à população e servir como um laboratório a estudantes da própria instituição que a abriga, em especial os de Jornalismo.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE TABELAS.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
1. RÁDIO EDUCATIVO.....	12
1.1 O INÍCIO DA RADIODIFUSÃO NO BRASIL.....	12
1.2 SURGIMENTO DAS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS NO BRASIL: EMISSORAS EDUCATIVAS E CULTURAIS.....	13
1.3 AS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS GAÚCHAS.....	15
1.3.1 Rádio da Universidade – UFRGS.....	15
1.3.2 Federal FM – UFPel.....	18
1.3.3 Rádio Universidade – UFSM.....	19
1.3.4 Rádio Universidade – Furg.....	22
2 GÊNEROS RADIOFÔNICOS E TEORIAS DO JORNALISMO.....	24
2.1 GÊNEROS RADIOFÔNICOS.....	24
2.1.1 Gênero jornalístico.....	25
2.1.2 Gênero educativo-cultural.....	27
2.1.3 Gênero de entretenimento.....	28
2.1.4 Gênero publicitário.....	30
2.1.5 Gênero propagandístico.....	31

2.1.6 Gênero de serviço.....	32
2.1.7 Gênero especial.....	33
2.2 TEORIAS DO JORNALISMO.....	33
2.2.1 Teorias clássicas do jornalismo.....	33
2.2.2 Teorias atuais do jornalismo: por que as notícias são como são?.....	35
3 PROGRAMAS SELECIONADOS.....	40
3.1 RÁDIO DA UNIVERSIDADE – UFRGS	40
3.1.1 Universidade É Notícia.....	40
3.1.2 Jornalismo 1080.....	41
3.1.3 UFRGS Entrevista.....	41
3.1.4 Entrevista Coletiva.....	41
3.2 FEDERAL FM – UFPEL.....	41
3.2.1 Acontece.....	42
3.2.2 Agenda UFPel.....	42
3.2.3 Federal Informa.....	42
3.3 RÁDIO UNIVERSIDADE – UFSM.....	42
3.3.1 Essencial.....	42
3.3.2 Estação Alternativa.....	43
3.3.3 Redação Aberta.....	43
3.3.4 Radar Esportivo.....	43
3.3.5 Universidade Esportiva.....	43
3.3.6 Palavra Falada.....	44
3.4 RÁDIO UNIVERSIDADE – Furg.....	44
3.4.1 Mercado Livre.....	44

4 ANÁLISE DOS PROGRAMAS SELECIONADOS.....	45
4.1 RÁDIO DA UNIVERSIDADE – UFRGS	45
4.2 FEDERAL FM – UFPEL.....	50
4.3 RÁDIO UNIVERSIDADE – UFSM.....	51
4.4 RÁDIO UNIVERSIDADE – FURG.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Jornalismo nos programas selecionados..... 57

INTRODUÇÃO

O rádio universitário surge no Brasil nos anos 50. Muito embora funcionando desde 1951 informalmente, a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem data de fundação oficial de novembro de 1957, sendo a pioneira no País. Assim, em 2007, comemoraremos os 50 anos das rádios universitárias brasileiras.

As primeiras transmissões radiofônicas brasileiras datam da década de 20. O veículo surgiu com um caráter fortemente instrucional, educativo. Assim era a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923 por Roquette Pinto e Henry Morize.

Com o passar dos anos, a cara do rádio foi mudando. A partir de decretos do governo de Getúlio Vargas, a publicidade começou a influir diretamente na programação, tornando o rádio um veículo de entretenimento. O próprio Vargas, durante a Segunda Guerra Mundial, começou a utilizar o rádio como um meio de atingir milhões de pessoas com seus discursos, e assim já o faziam Hitler, na Alemanha nazista, e Mussolini, no fascismo italiano¹.

Com a chegada da televisão, o rádio passou por uma crise que quase causou sua extinção. A TV simplesmente importou a programação de novelas, shows e entretenimento que havia no rádio, só que munida de imagens, o que tornava seu “irmão mais velho” obsoleto. Sabemos que a criação do transistor – que tornou os aparelhos de rádio pequenos e pessoais, e não mais gigantescos e familiares – foi algo importantíssimo para que ele sobrevivesse.

A outra foi a mudança da programação. De entretenimento para o jornalismo ágil. Explorando as facilidades técnicas, que permitiam aos radialistas narrar os fatos com um

¹ KLÖCKNER, Luciano. *O noticiário radiofônico como política de guerra e a edição brasileira de O Repórter Esso*. In: “Batalha Sonora: o Rádio e a Segunda Guerra Mundial”. GOLIN, Cida e ABREU, João Batista de (orgs). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 50-51.

telefone, e não com câmeras, o rádio retomou o caráter fortemente informativo que era sua marca quando de seu surgimento. Claro que antes o sentido de educar predominava; agora, o de prestar serviços à população passava a ser fundamental.

Dentro deste contexto, as rádios universitárias públicas mantiveram certa distância desta prática de jornalismo ágil. Muitas eram caracterizadas como “vitrolões”, que irradiavam músicas, em geral eruditas, na quase totalidade de sua programação. Não obstante, aos poucos, algumas emissoras mudaram o conceito de suas programações, incluindo programas culturais e educativos em suas grades. Este formato perdura em grande parte destas emissoras até hoje.

Como a história é contínua e está sempre se transformando, uma nova tendência parece ocorrer e ser necessária à sobrevivência das emissoras universitárias federais. Esta mudança refere-se a uma integração entre as emissoras e as próprias instituições que as abrigam: as universidades.

Com efeito, as rádios de programação mais rica atualmente são aquelas em que os alunos, especialmente os dos cursos de jornalismo, participam ativamente da programação, das mais diversas formas: reportagem, edição, produção, apresentação, comentários, debates, entre outros. E não apenas alunos da área de Comunicação integram-se nestes projetos.

Desta forma, a rádio, além de instrumento educador que deve ser, funciona como uma escola de jornalismo para estes estudantes. Além de tornar a programação dinâmica e diversificada para os ouvintes. Com isto, parece claro que a prática do jornalismo, aliado à música e programas culturais, é cada vez mais consistente e praticada nestas emissoras.

Neste trabalho, analisaremos as programações das quatro rádios universitárias federais do Rio Grande do Sul: a Rádio da Universidade, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com sede em Porto Alegre; a Rádio Federal FM, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel); a Rádio Universidade, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); e a Rádio Universidade, da Fundação Universidade de Rio Grande (Furg).

Escolhemos alguns programas destas emissoras para verificar até que ponto elas praticam o jornalismo. Nossa análise de dará baseada nas teorias do jornalismo e do radiojornalismo.

Revisaremos conceitos como as antigas teorias do jornalismo e os gêneros radiofônicos, estudando se os programas escolhidos – que em princípio deveriam fazer parte da programação jornalística destas quatro emissoras – praticam ou não jornalismo em rádio.

A participação estudantil na programação também será levada em conta. A análise será feita tendo como base a grade dos meses de março, abril e maio de 2007. Selecionamos quatro programas da Rádio da Universidade (UFRGS), três da Federal FM (UFPEL), seis da Rádio Universidade (UFSM) e um da Rádio Universidade (FURG), totalizando 14 programas.

A intenção é dar uma breve contribuição a um tema até aqui pouco estudado em termos acadêmicos no Brasil. Até mesmo o estudo sobre rádios e comunicação universitária em geral ainda é deveras escasso no País. Entretanto, é interessante notar que duas monografias de conclusão de curso de Jornalismo da UFRGS já trataram sobre rádios universitárias recentemente. Uma delas traçou um perfil das emissoras universitárias brasileiras, falando de suas funções enquanto emissoras. A outra tratou de estudar a programação e a participação dos alunos nas emissoras universitárias da Região Metropolitana de Porto Alegre.

1. RÁDIO EDUCATIVO

1.1 O INÍCIO DA RADIODIFUSÃO NO BRASIL

O rádio surge educativo no Brasil. A primeira emissora oficialmente reconhecida no País, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, foi fundada em 1923 por Roquette Pinto e Henry Morize. A rádio pioneira nacional, naturalmente, tinha programação voltada a quem poderia ouvi-la: as classes mais abastadas.

Ainda insipiente como tecnologia, o rádio era privilégio de poucos. Destarte, o que se ouvia pelas ondas da Rádio Sociedade eram “óperas, palestras culturais dirigidas às elites e músicas emprestadas de colecionadores” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 39-40). E aí está a razão de a primeira emissora nacional ter tido caráter educativo.

Roquette Pinto tinha a idéia de que o rádio pudesse ser um meio, quando popularizado, pelo qual as pessoas poderiam se educar. Isso perdurou até 1931, quando foi escrito o primeiro documento² sobre radiodifusão no Brasil. A partir dali, o veículo passa a abrir espaço para os comerciais, mesmo que o texto em questão saliente que o rádio é um meio de interesse nacional e tenha “finalidade educativa”. A Rádio Sociedade sobrevivia com grandes dificuldades antes da comercialização de publicidade em rádio. A emissora possuía sócios cadastrados, mas nem todos pagavam mensalidade ou doavam discos.

O rádio se popularizaria anos depois, por força de decretos do presidente Getúlio Vargas. Estes mesmos decretos anunciariam também a expansão comercial do veículo, a partir da

² Decreto nº 21.111, de março de 1932, o qual considerava a radiodifusão como um serviço de interesse nacional e finalidade educacional.

popularização, logicamente. A programação, então, deixaria de ser prioritariamente educativa para ser assumida pelos interesses da indústria e do comércio.

Este mesmo decreto de 1931 acabou transformando a Rádio Sociedade em uma emissora vinculada ao Ministério da Educação e da Cultura (MEC), no que é hoje é a Rádio MEC. Roquette Pinto chegou a ficar na direção da emissora, agora estatal, até 1943. Com isto, o governo passou a controlar a radiodifusão educativa nacional: “(...) o modelo lançado em 1937 pela emissora, identificado como Serviço de Radiodifusão Educativa, sofreu ingerências do governo ditatorial de Vargas, agravadas pela suspensão de direitos e a instauração da censura, instrumentos de afirmação ideológica do Estado Novo (...)”.³

Durante a fase de ouro do rádio brasileiro é que o veículo assumiria seu caráter mais jornalístico. É bom lembrar que praticar o jornalismo já era tentado na própria Rádio Sociedade. Roquette Pinto lia todo o jornal do dia (em forma impressa), sublinhava as notícias mais importantes e avisava ao técnico que a emissora poderia entrar no ar. Então, lia tudo aquilo que julgava relevante de o público ouvinte saber. A prática de Roquette é hoje totalmente anacrônica, até pelo caráter instantâneo e ágil que o rádio passou a ter após o advento da televisão.

Este exemplo ilustra bem as dificuldades técnicas da época, que eram determinantes na programação de uma emissora. Quando não havia mais notícia alguma, colocava-se a vitrola para tocar e a programação voltava a ser musical. O surgimento do *Repórter Esso*, nos anos 40, foi o marco inicial do jornalismo de rádio brasileiro. Este programa foi o primeiro noticioso relevante no veículo no País, tendo inúmeros clones e variações nas décadas posteriores (inclusive hoje).

1.2 SURGIMENTO DAS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS NO BRASIL: EMISSORAS EDUCATIVAS E CULTURAIS

A história das rádios universitárias brasileiras começou nos anos 50. Em 18 de novembro de 1957, a Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) entrava oficialmente no ar, no que é até hoje considerado o marco inicial deste tipo de emissora no

³ PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. *O Rádio Educativo no Brasil*. In: “Cadernos da Comunicação”, Série Memória, Vol. 6. Rio de Janeiro, 2003, p. 22.

País. A Rádio da Universidade, como é conhecida, já funcionava, no entanto, antes mesmo desta data. Mais precisamente em 1º de julho de 1950, ela entrou no ar, funcionando como uma espécie de laboratório para atividades didáticas do curso de Engenharia da UFRGS.

Nestes quase 50 anos de fundação da primeira emissora universitária brasileira, o Brasil apresenta 56 rádios vinculadas a universidades. São 31 emissoras de instituições privadas e 25 de universidades estaduais ou federais.

Há, obviamente, grandes diferenças entre rádios de universidades públicas e privadas. As rádios de instituições privadas funcionam como um misto entre o público e o privado. Utilizam farto espaço com o chamado “apoio cultural”, que nada mais é senão uma forma de patrocínio, e obtêm lucro com isso. Ademais, estas emissoras fazem uso de concessões que o governo federal lhes dá para estarem no ar, enquanto que as emissoras públicas são órgãos ligados aos governos.

A diferença básica entre os dois tipos de emissoras universitárias é o lucro. As emissoras públicas não têm fins lucrativos; não recebem porque não veiculam publicidade, tão somente podem receber ajuda na forma de apoio cultural, mas em escala muito pequena. E a diferença, na prática, é esta mesmo, pois estes dois tipos de rádios, apesar de serem distintos, operam sob a mesma legislação que propõe programações voltadas para educação e cultura

Nosso objeto de estudo é as quatro rádios universitárias federais do Rio Grande do Sul. A legislação brasileira, como dissemos, prevê uma programação cultural e educativa para as rádios estatais. Em países desenvolvidos, as rádios educativas têm funções extremamente importantes para o exercício da cidadania. Entretanto, a banalização e a mercantilização dos meios de comunicação – que atingem também o veículo rádio – acabam por diminuir e sufocar os projetos de rádios com este fim no Brasil, como sustenta André Barbosa Filho⁴.

O autor vai além, explicando que a noção de rádio educativa que comumente é sabida esconde outras funções vitais para a sociedade. Ou seja, não seria apenas uma emissora que visasse a alfabetização ou o ensinamento de conhecimentos básicos, mas também o

⁴ BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 109.

desenvolvimento do homem e da comunidade, elevando o nível de consciência da população para transformá-lo em agente ativo da transformação no meio em que vive⁵.

As rádios universitárias federais gaúchas, objeto de nossa apreciação aqui, de fato possuem programas do chamado rádio educativo/cultural, não obstante que o incremento de cidadania seja algo ainda um pouco distante de nossa realidade. Mesmo assim, não nos alongaremos neste tópico. Também programas temáticos, que Barbosa Filho (2003, p.113) indica terem a finalidade de abordar e discutir a produção do conhecimento, são encontrados nestas rádios.

Entretanto, além de características deste tipo de rádio, estas quatro emissoras veiculam música – que faz parte do gênero de entretenimento de rádio, segundo Barbosa Filho (2003, p.115). Isso mostra o quanto estas emissoras podem ser multifacetadas. O gênero jornalístico, que é o qual tentaremos verificar se de fato faz-se presente na programação destas rádios, é apenas mais um deles.

1.3 AS RÁDIOS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS GAÚCHAS

1.3.1 Rádio da Universidade – UFRGS

A Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi a primeira emissora universitária brasileira, com data de primeira emissão vindo de 1º de julho de 1950. No início, tratavam-se apenas de emissões experimentais com finalidades didáticas para o curso de Engenharia. No entanto, meses depois, o reitor da universidade, Alexandre Martins da Rosa, autorizou verbalmente a inauguração da emissora, em janeiro de 1951.

No final de 1952, a Rádio da Universidade já contava com locutores escolhidos por concurso público, o que a caracterizava, de certo modo, como uma emissora pública. Apesar disso, em dezembro do ano seguinte, a rádio é retirada do ar, pois tocava músicas em sua programação, algo proibido na época. O reitor da UFRGS, Eliseu Paglioli solicita ao então presidente da República, Getúlio Vargas, um canal em ondas médias. Foram oferecidos então os AM 1080 kHz, frequência da emissora até hoje.

⁵ KAPLUN, 1978 apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 110.

Após obras nos transmissores, a Rádio da Universidade entra no ar definitivamente em 18 de janeiro de 1957. Em 1960, houve a troca de endereço dos estúdios para a rua Sarmento Leite, no antigo prédio do Instituto de Meteorologia Coursirat Araújo, no Campus Central da UFRGS, onde ainda funcionam. Os transmissores trocam de lugar em 1979, saindo da Ilha do Chico Inglês, em Porto Alegre, para a cidade vizinha de Eldorado do Sul. A informatização da rádio vem em 1995, e a implantação da *home page*⁶ dois anos depois. Em setembro de 2004, a Rádio deixou de ser vinculada à Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT-UFRGS) para ficar subordinada à recém-criada Secretaria de Comunicação Social da universidade (SECOM-UFRGS).

A Rádio da Universidade é conhecida por veicular música erudita em sua programação. De fato, é a música clássica que domina o espectro radiofônico da emissora da UFRGS na maior parte do dia. Em dias de semana, ela ocupa cerca de 85% do tempo de programação de 24 horas diárias da rádio. Nos sábados, o número cai para 73%.

Estes programas que compõem a programação da Rádio da Universidade são todos relativos à cultura e educação, sendo eles temáticos, institucionais, culturais/informativos ou acadêmicos.

Entre os temáticos, temos o *Tangos en la Noche*, por exemplo, é produzido de segunda a sexta, tem 30 minutos, e toca tango, como o próprio nome já diz; *Filmes & Trilhas* versa sobre cinema. Em *Latinidade*, semanal de uma hora de duração, o assunto é a cultura e a música da América Latina. *Motivos de Campo* traz a cultura nativista do Rio Grande do Sul. *A Hora do Jazz* traz informações e toca este ritmo norte-americano. *Shalom Brasil, Shalom Jerusalém* é sobre cultura judaica. *Cultura Musical* traz informações e toca músicas de uma banda de pop/rock semanalmente. E *Concertos Sala dos Clássicos* é um especial, também de frequência semanal, sobre um determinado compositor de música clássica.

Outro tipo de programa são os institucionais, que falam ou informam sobre a própria universidade e órgãos em torno dela. A Rádio da Universidade tem programas institucionais de frequência semanal e diários (veiculados de segunda a sábado).

⁶ www.ufrgs.br/radio

Dentre os programas semanais estão o *Adufrgs no Ar*, que fala sobre e para a Associação de Docentes da universidade. Já o *Frequência Acadêmica*, igualmente com meia hora de duração, é o programa do Diretório Central dos Estudantes (DCE-UFRGS).

Os programas diários institucionais vêm sob duas formas na programação: noticiário e entrevista. Em noticiário, temos o *Universidade É Notícia*, com 5 minutos de notícias sobre a UFRGS e o ensino em geral, com destaque para cursos, concursos, palestras, prazos e informações diversas dentro do âmbito universitário. O *Boletim Astronômico* dura apenas dois minutos, por volta da meia-noite, falando sobre as condições climáticas fornecidas pelo Observatório Astronômico. No gênero de entrevista, há o *UFRGS Entrevista*, que traz um convidado, normalmente da universidade, o qual é entrevistado durante 10 ou 15 minutos sobre algum projeto que esteja desenvolvendo. Outro programa neste estilo é o *Universidade Aberta*, veiculado uma vez por semana.

Os programas culturais e informativos da Rádio da Universidade compõem a base da programação não-musical da rádio durante a semana, de manhã e pela tarde. O mais importante deles é o *Universidade Revista*, que privilegia a cultura. É uma rádio-revista sobre os diversos temas culturais, trazendo informações sobre exposições, shows, peças de teatro, filmes e outros, às vezes com entrevistados, sempre intercalando estas informações com músicas de estilo MPB e Jazz. Além deste programa, temos o *BR 1080*, que tematiza, durante a semana, algum compositor de MPB, trazendo informações sobre a carreira e colocando músicas do artista.

Afora estes, temos noticiários-pílula, com duração de até 5 minutos. Aí se encontram o *Toque de Arte*, o *Literatura* (cujos nomes já sintetizam suas razões de ser) e o *Jornalismo 1080*, que apresenta o noticiário geral em forma de mini-correspondente noticioso.

Já os programas acadêmicos são apresentados por alunos do curso de Jornalismo da universidade. São dois estes programas: o *Entrevista Coletiva*, onde um grupo de alunos entrevista um convidado durante uma hora; e o *Por Volta do Meio Dia*, rádio-revista de meia hora de duração, que versa sobre os mais diversos temas. *Motivos de Campo* também poderia ser enquadrado como acadêmico, visto que é apresentado por um aluno de graduação em Jornalismo.

1.3.2 Federal FM – UFPel

Ao contrário da UFRGS, a Rádio da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), chamada Federal FM, funciona em FM, como o nome já diz. Sua frequência é de 107,9 MHz. Esta emissora foi a primeira de caráter educativa a funcionar em canal FM no Rio Grande do Sul.

A Federal FM tem transmissores de mesma potência que a Rádio da Universidade, de 10 KW. A região de abrangência inclui, além de Pelotas, as cidades de Canguçu, São Lourenço do Sul, Piratini Turuçu, Pedro Osório, Pinheiro Machado, Candiota, Arroio Grande, Hulha Negra, Jaguarão, Bagé, São José do Norte, Mostardas, Tavares, Santa Vitória do Palmar e Santana da Boavista, todas na região Centro-Sul do Estado.

A fundação da Federal FM data de 8 de janeiro de 1981. A liberação pelo Ministério das Comunicações foi dada em 14 de setembro de 1977, com a portaria 953. A então Rádio Cosmos FM começou a operar de forma experimental em 1980. O nome atual só passou a ser adotado em 1992, por decisão do Conselho Universitário da UFPel, que ainda vinculou a emissora à Coordenadoria de Comunicação Social do Gabinete do Reitor.

Federal FM tem sua programação dividida de três formas: músicas, jornalísticos e especiais. A divisão é feita de acordo com o próprio portal da UFPel na internet⁷. A seleção musical privilegia a música popular brasileira, regional e internacional contemporânea.

Os programas ditos jornalísticos (que por ora chamaremos de informativos) da Federal FM são diversos e sobre variados assuntos, seguindo um estilo bem parecido com o da Rádio da Universidade.

Há os programas informativos típicos. *Acontece* é uma pílula noticiosa de 2 a 3 minutos, que aparece a cada hora “cheia” na programação. O tema são informes de eventos culturais, sociais e econômicos de Pelotas e redondezas. *Drops Cultural Federal FM* vem nos 15 minutos de cada hora, com mais informações sobre eventos culturais em Pelotas, no País e no mundo. Ainda entre os noticiosos temos a *Previsão do Tempo*, em dois horários diferentes, com apresentação feita pelo meteorologistas do Centro de Previsões Meteorológicas da

⁷ <http://federalfm.ufpel.edu.br/>

UFPel. Além destes, temos o semanal *Terra Sul*, que vai ao ar nas manhãs de sábado, dirigido ao público rural.

Três programas institucionais estão na grade da emissora. *Agenda UFPel* vem nas meias horas, com informes sobre atividades de ensino, pesquisa e extensão da própria universidade. *Federal Informa* apresenta notícias sobre eventos culturais dentro e fora da instituição, também em forma de pílula. E *Campanhas Institucionais* divulga serviços públicos prestados pela universidade.

A Federal FM, além de tocar música na maioria do seu tempo de programação, também apresenta programas sobre músicas, dos mais diversos gêneros. *Jazz & Blues Radio Festival*, por exemplo, trata destes dois gêneros. *Santo de Casa* mostra novos talentos musicais da região de Pelotas. Músicas do passado recente são apresentadas no *Federal Arquivo*. E *Showbiz Musical* enfoca as músicas mais tocadas em todos os continentes, inclusive lançamentos, novidades e exclusividades.

1.3.3 Rádio Universidade – UFSM

A Rádio Universidade 800 AM, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foi fundada em 1968. No dia 28 de abril daquele ano, funcionou em caráter experimental. A inauguração oficial ocorreu quase um mês depois, em 27 de maio. A emissora operava com apenas 1 kW de potência, na frequência de 1320 kHz. Em 1976, a potência aumentou para 10 kW, a mesma das co-irmãs da UFRGS e da UFPel, e a frequência estabilizou-se em 800 kHz, a qual mantém-se até hoje.

Depois de um processo de atualização tecnológica, sofrido durante os anos 1990, a Rádio Universidade, em 1998, passou a transmitir sua programação 24 horas diárias, e um ano depois transmitia também pela Internet⁸.

A abrangência do sinal (descontando a possibilitada pela Internet) da Rádio Universidade atinge cerca de 150 municípios gaúchos, numa área que ocupa mais da metade do território do Estado. Cidades da Fronteira-Oeste, da Zona Sul, do Centro, da Campanha, da Serra e até da

⁸ www.ufsm.br/radio

Região Metropolitana sintonizam a emissora. Durante a noite, a rádio tem abrangência ainda maior, pois ocupa um canal internacional dividido com a Rádio MEC/Rio, não precisando diminuir sua potência e podendo ser ouvida em Santa Catarina, no Paraná, na Argentina e no Uruguai.

Uma grande preocupação da rádio é estar voltada para a comunidade na qual está inserida. O jornalismo é a marca registrada da emissora, inclusive com transmissões esportivas. Também servindo de laboratório para estudantes de Comunicação Social, a emissora cobre o jornalismo local e estadual com equipe própria, e o jornalismo nacional e internacional é retransmitido via satélite, através dos informativos da Rádio Nacional de Brasília. As instalações da rádio possuem quatro estúdios: um principal, um de gravações, um auxiliar de gravações e um para debates. A emissora funciona no próprio prédio da reitoria da UFSM.

A Rádio Universidade é composta de programas jornalísticos, esportivos, culturais, musicais, acadêmicos, institucionais e produções externas. É uma emissora que se caracteriza por possuir um grande número de diferentes programas em sua grade, sendo eles dos mais diversos tipos.

Dentre os jornalísticos, *Essencial* é um noticiário veiculado nas manhãs de segunda a sexta, com informações universitárias, locais, estaduais e nacionais, ainda incrementado por entrevistas e comentaristas. *Estação Alternativa* e *Redação Aberta* mantêm a mesma linha, com pequenas alterações.

Ao contrário das outras três co-irmãs gaúchas, a Rádio Universidade tem dois programas esportivos em sua grade. *Radar Esportivo* tem uma temática bem ampla, com destaque para várias modalidades, em âmbito local, estadual, nacional e internacional de cobertura. O programa tem duas horas de duração, indo ao ar nos sábados, às 11 da manhã. *Universidade Esportiva* traz, além de notícias, entrevistas e comentários. O programa esteve fora do ar por sete anos, retornando à grade em julho de 2005. É um programa de meia hora, de segunda a sexta, ao meio dia.

São 12 os programas culturais veiculados pela rádio da UFSM. *A Hora Alemã*, *Benedetta Itália*, *Espanhol 10* e *O Canto do Gaúcho* são temáticos, e divulgam as respectivas culturas. *Ciência e Cultura* são pílulas de cinco minutos, duas vezes por dia, durante a semana, sobre a

ciência e a cultura nacionais. *Fazendo Arte* tem proposta deveras semelhante ao *Universidade Revista*, da Rádio da Universidade (UFRGS): é uma rádio-revista, com notícias sobre cultura, música, cinema, exposições, teatro e shows em geral. Há também os documentários de *Informe Cultural*, que divulgam o conhecimento humano em várias áreas de pesquisa, dentre outros.

Os programas musicais da Rádio Universidade estão divididos em três grupos: eruditos, populares e diversos. Os eruditos enfocam música clássica e óperas; os populares trazem músicas antigas, MPB, noticiários sobre música. *Miscelânea* traz ritmos desde gauchescos até *world music*, inclusive com informações sobre o mundo da música. Entre os diversos, há programas que tematizam determinados gêneros, como Jazz, Rock e música tradicionalista gaúcha.

Dentre os programas tidos como institucionais pelo portal da emissora na Internet, está *AMA*, que trata de questões ambientais e nem tanto universitárias. De fato, nem todos estes programas institucionais são, necessariamente, vinculados a questões relativas à UFSM. Há programas sobre leitura, saúde, agropecuária e, naturalmente, sobre a universidade.

Algo notório na emissora é o elevado número de programas produzidos por alunos do curso de Jornalismo da UFSM. A rádio acaba servindo como uma espécie de escola de prática para os alunos de sua própria instituição.

São sete produções, grande parte delas vinculadas ao *Projeto Rádio-Escola*, coordenado pelo Prof. Paulo Roberto Araújo. *Na Boca do Monte* é uma rádio-revista de 55 minutos de duração semanais. Traz reportagens, entrevistas, quadros, reportagens e crônicas. *Palavra Falada* produz um jornalismo informativo e opinativo sobre o mundo literário. *Poetas da Canção* é um programa voltado à vida e obra de grandes compositores da música popular brasileira. Debates são a tônica no *Rádio Ativo*, sempre trazendo convidados especiais, como professores universitários e autoridades no assunto. *Radiolivro* é voltado para a dramaturgia. E *Universidade Documenta* é temático, sobre ciência e tecnologia.

Há ainda sete produções externas, geralmente voltadas para o jornalismo nacional. São os programas que abastecem as peças jornalísticas da rádio em notícias nacionais e internacionais.

1.3.4 Rádio Universidade – Furg

A Rádio Universidade, vinculada à Fundação Universidade de Rio Grande (Furg), é a mais nova das emissoras universitárias federais do Rio Grande do Sul. Apesar de a idéia de sua fundação tenha surgido em 1973, foi ao ar somente no final de 1988. É também a emissora com menos recursos, possuindo dois transmissores, de 2,5 KW e 5 KW de potência.

A Rádio Universidade é mantida pela Fundação de Radiodifusão Educativa do Rio Grande (Furerg), que mantém convênios com diversos órgãos e emissoras do país e do exterior. A rádio também é mantida com o apoio de empresários e profissionais da região.

A programação da rádio é predominantemente musical, mas há variações. Durante a semana, há o *Jornal Nacional*, noticiário em cadeia com a Rádio Nacional de Brasília. *Mercado Livre* é um informativo sobre serviços da universidade, da cidade, shows, cursos, exposições, lançamentos de livros, entre outros. Neste programa, também há entrevista sobre os assuntos em questão.

Enquanto *Observatório da Imprensa*, feito em parceria com a Rádio Cultura FM de São Paulo, debate a mídia impressa brasileira, *O Nome da Rua* traz documentários de 50 minutos sobre a vida e história das pessoas que dão nome às ruas de Rio Grande. Assim como no *Observatório*, *RU Café* é um debate, com duração de uma hora e meia, sobre tudo que envolva comportamento social. O programa com comentaristas permanentes e convidados tratam de temas de interesse geral, com o foco sempre em hábitos e costumes.

Após esta série de programas, temos *Grande Expediente*, que nada mais é senão a transmissão das sessões ordinárias e das audiências públicas da Câmara Municipal de Rio Grande. Isso vai das três da tarde até às sete da noite, quando entra a *Voz do Brasil*, que é seguida de música até a manhã do dia seguinte.

Nos finais de semana, os destaques são os programas temáticos. Aos sábados, *Musica sin fronteras* traz a música folclórica latino-americana, uma vez por mês. *Universidad Tango Club*, três vezes mais freqüente, é sobre o tango. A Rádio também transmite um programa

sobre MPB (*Aplauso*), em parceria com a Rádio Câmara, e outro com música clássica comentada, denominado *Notas de Expressão*.

Aos domingos, *As Canções de Domingo* vem em parceria com a Rádio Câmara; *Concertos de Domingo* é de produção própria da emissora, com música clássica popular; *Metamorfose* traz rock e pop rock; *Caminhos do Jazz* fala sobre este ritmo norte-americano; e *Festa de Arromba* é um temático sobre a Jovem Guarda e os anos 60.

Durante o meio de semana, a rádio ainda transmite boletins sobre a previsão do tempo, notícias do campus universitário e informações diversas da Furg e sua reitoria. Existe um projeto para incluir na programação um espaço para o Diretório Central do Estudantes (DCE – Furg), técnicos e professores, além de um programa sobre *hip hop*.

2 GÊNEROS RADIOFÔNICOS E TEORIAS DO JORNALISMO

Para nosso trabalho, as teorias do jornalismo são peça fundamental. Não há melhor (nem outro) modo de definirmos se um programa qualquer das quatro rádios analisadas é jornalístico ou não que dissertarmos sobre ele tendo essa base. Não obstante, e antes de qualquer coisa, é bom que salientemos quais são as teorias que irão dar suporte à nossa análise.

Como em qualquer campo de análise acadêmica, o jornalismo é cercado de teorias que tentam explicar seu passado, entender seu presente e prever seu futuro. Tantas são as transformações que esta atividade passou, também em virtude da tecnologia cada vez mais avançada, que várias destas teorias surgem/surgiram para tentar explicar a atividade jornalística contemporânea.

Começaremos este capítulo teórico explicando os gêneros radiofônicos, antes de partirmos para as teorias do jornalismo propriamente ditas. Esta explicação sobre o rádio é necessária tendo em vista que tratamos muitos conceitos ligados a estes gêneros em nosso trabalho, de modo que elucidando-os tornamos as análises mais claras e pertinentes. De todo o modo, muitos dos gêneros não serão trabalhados diretamente nesta pesquisa.

2.1 GÊNEROS RADIOFÔNICOS

Explicar alguns dos gêneros de programas de rádio é importante para que se entenda o nosso trabalho. Os programas que analisaremos, além de tratarem de assuntos diferentes, tem propósitos e formatos distintos. Alguns são variações dentro do próprio gênero jornalístico, enquanto outros não pertencem a este grupo. A classificação é feita de acordo com Barbosa Filho em seu *Gêneros Radiofônicos* (2003).

2.1.1 Gênero jornalístico

Trata da divulgação, acompanhamento e análise dos fatos importantes para atualizar os ouvintes. É transmitido no rádio sob os mais diversos formatos:

2.1.1.1 Boletim

Também conhecido como pílula-noticiosa, tem duração curta, normalmente até cinco minutos. Pode ser acrescentado de alguma entrevista ou pequena reportagem. Normalmente aparece nas horas cheias da programação.

2.1.1.2 Reportagem

Trata os fatos de forma mais aprofundada, ampliando-os para fugir do caráter simplificado e curto do jornalismo noticiarista. A reportagem, seja em rádio ou em qualquer outro veículo, necessita de um trabalho prévio de pesquisa e seleção de dados pelo repórter, para que haja um fio condutor, já que o texto tende a ser mais longo e analítico.

2.1.1.3 Entrevista

Uma das formas mais utilizadas para coletar dados para a redação e apresentação de material jornalístico. A entrevista em rádio pode ser feita ao vivo, editada ou gravada. Outros autores preferem classificá-las a partir de outro aspecto . Teríamos assim as entrevistas de caráter (que tratam da personalidade do entrevistado) e a entrevista noticiosa (que tem como objetivo informar).

2.1.1.4 Comentário

Sua função é trazer opinião sobre os fatos, que pressupõem um conhecimento especializado de quem o emite. Normalmente, dura no máximo três minutos.

2.1.1.5 Editorial

O editorial sintetiza a opinião da emissora, num texto opinativo marcado pela impessoalidade. É bem mais comum em rádios comerciais, normalmente sendo veiculado em programas que tratam de política.

2.1.1.6 Crônica

José Marques de Melo⁹ adianta que as crônicas são percebidas ainda em pequenas rádios do interior, não tendo mais espaço em veículos maiores. A crônica aproveita-se do fato atual para transitar por ele entre o jornalismo e a literatura, tornando-o interessante para o público ouvinte/leitor.

2.1.1.7 Radiojornal

Noticiário radiofônico que congrega vários dos outros formatos jornalísticos que já citamos, como reportagens, boletins, entrevistas e notas. É normalmente estruturado em blocos, tem uma periodicidade diária e horários regulares de início e término.

2.1.1.8 Documentário

Aprofunda um fato ou um tema, tendo um repórter como condutor. Dá uma análise ainda mais clara e profunda que a reportagem, por utilizar-se de entrevistas e comentários de especialistas e o trabalho investigativo do repórter. Não precisa ser relativo a algum fato do momento. O documentário pode ter “gancho” com um aspecto em evidência na atualidade, mas pode igualmente trazer à discussão temas esquecidos ou ainda não verificados.

2.1.1.9 Debate

Também conhecido por “mesa-redonda”. Jornalistas e eventuais convidados discutem coletivamente sobre um tema, apresentando idéias distintas e defendendo-as diante dos colegas. Para que tenha maior credibilidade, deve ser sempre realizado ao vivo ou, pelo menos, sem cortes ou edições. O debate é sempre conduzido por um mediador, que trata de chamar os intervalos comerciais, iniciar os blocos e fechar o programa.

⁹ MELO, 1985 apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 99.

2.1.1.10 Esportivos

Incluídos por Barbosa Filho (2003) dentro do gênero jornalístico, o que reforça a idéia de que os programas que abordam o esporte devem ser tratados como de jornalismo. Várias subdivisões podem ser feitas aqui, pois há diferentes tipos de programas esportivos: noticiários, plantões, debates, entrevistas, comentários e as jornadas esportivas, que são a transmissão ao vivo de um evento do tipo.

2.1.1.11 Divulgação Tecnocientífica

Informa os ouvintes sobre o mundo da ciência. Barbosa Filho (2003) lembra que o uso de música e sonoplastia torna mais acessível este tipo de informativo. Pode vir sob a forma de boletim ou de programa periódico.

2.1.2 Gênero educativo-cultural

Muito comum em países desenvolvidos, acaba por sucumbir no Brasil por força da banalização do conteúdo da programação radiofônica nacional, bem como da falta de projetos e de investimento na área, pois as emissoras de caráter comercial predominam.

Foi bastante utilizado no passado, como já dissemos no capítulo inicial. As primeiras transmissões de Roquette Pinto pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro tinham como objetivo “educar” os ouvintes. Assim como o gênero jornalístico, possui sub-categorias de programas, de acordo com Barbosa Filho (2003):

2.1.2.1 Programa instrucional

O caso mais conhecido no Brasil é em televisão, com o *Telecurso 2000*, da Rede Globo – muito embora não seja uma emissora educativa. São normalmente empregados como suporte a cursos de alfabetização ou promovem o ensino de disciplinas básicas dos ensinos Fundamental e Médio, como química, matemática, português e história. É feita uma adaptação das aulas ao estilo radiofônico.

2.1.2.2 Audiobiografia

O próprio nome já diz tudo. A vida de uma personalidade é o tema central deste tipo de programa, que pode utilizar efeitos radiofônicos de entretenimento, mas o caráter educativo é preponderante. Não deixa de ser um tipo de documentário, cujo tema é a vida de alguém.

2.1.2.3 Documentário educativo-cultural

Com duração aproximada de meia hora, direciona-se a um tema humanístico, como uma escola de pensadores, um movimento artístico ou literário, entre outros exemplos. Seu *modus operandi* é o mesmo de um documentário jornalístico qualquer; apenas o tema é diferente.

2.1.2.4 Programa temático

Discute e aborda temas sobre a produção do conhecimento. Barbosa Filho (2003, p. 113) ressalta que este tipo de produção está “praticamente desaparecido da programação radiofônica comercial (...), encontra guarida nas grades educativas”, especialmente no estado de São Paulo. O tempo de duração é bem variável, entre cinco minutos e uma hora.

2.1.3 Gênero de entretenimento

Este gênero é caracteristicamente voltado à diversão para os ouvintes. Isso acabou por torná-lo desprezado e vítima de preconceito por parte de acadêmicos e profissionais do rádio. Apesar disso, por possuir esta peculiaridade de envolver o público com empatia, acabou sendo um dos gêneros que mais utiliza recursos e efeitos técnicos da linguagem de áudio, crescendo, também por este motivo, em importância e virando alvo de pesquisas nos últimos anos.

Autores como Kaplun defendem que esta maior interação com o público (típica do radioteatro), nas fronteiras entre realidade e ficção, aumenta a oferta de informação veiculada. Ademais, o estímulo à imaginação, característica tão típica e exaltada do rádio, é, neste gênero, estimulado da maneira mais veemente possível.

2.1.3.1 Programa musical

Com o praticamente desaparecimento das rádio-novelas, os formatos que privilegiam a música tornaram-se os mais comuns dentro do gênero de entretenimento. Neste caso, podem haver produções temáticas, que difundam diversos gêneros e ritmos musicais. Para este tipo de programa, é necessária uma melhor qualidade do som, o que torna o musical mais comum em rádios que operam por frequência modulada (FM). Neste tipo de produção, pode-se transmitir músicas atuais, clássicos eruditos, populares, internacionais ou regionais, com ou sem participação de artistas, além de programas temáticos especiais sobre determinados artistas ou gêneros.

2.1.3.2 Programação Musical

Conjunto ou seqüência de programas musicais ou de execuções de músicas. Bastante comum em emissoras FM, são entrecortadas por intervalos comerciais ou pequenos boletins noticiosos a cada hora cheia ou meia hora, normalmente.

2.1.3.3 Programa Ficcional

Muito comum nos primórdios do rádio brasileiro, podem pertencer a dois grupos: drama e humor. No drama, temos como maiores expoentes as rádio-novelas, onde uma história é contada em capítulos seqüenciados, sendo que cada locutor interpreta um personagem da trama, estimulando a imaginação do ouvinte. O humor, bem mais raro, podem ser veiculados em pequenos quadros de até três minutos ou duram de 15 a 30 minutos. Atualmente, algumas rádios FM, especialmente as de programação voltada a adolescentes, exploram mesas-redondas voltadas para o humor.

2.1.3.4 Evento Artístico

É o mais jornalístico tipo de produção dentro do gênero do entretenimento. Trata-se da transmissão de um evento artístico relevante, normalmente ao vivo, com repórteres e até comentaristas, como no caso dos desfiles de escolas de samba no Carnaval.

2.1.3.5 Programa Interativo de Entretenimento

Quando o ouvinte participa de jogos e gincanas ao vivo. Muito comum em programas de cunho esportivo, oferece brindes ao vencedores das brincadeiras e demais disputas.

2.1.4 Gênero publicitário

Também conhecido por gênero comercial, utiliza o espaço radiofônico para a divulgação de produtos e serviços, como ocorre nos diversos meios de comunicação. A veiculação de peças publicitárias verifica-se nas rádios comerciais, e é confeccionada a partir de um estudo da audiência de cada horário, de modo que o anunciante ser divulgado para o maior número de pessoas possível dentro do seu público-alvo. Barbosa Filho (2003, p. 122) divide o gênero publicitário em 4 tipos.

2.1.4.1 Spot

Tipo de peça que intercala o (s) locutor (es) ou ator (es) com uma trilha musical, vinhetas ou efeitos diversos para transmitir a mensagem publicitária. Por vezes, possui um tom humorístico. Na maioria das vezes, é produzido e montado dentro da própria emissora, ainda que, por vezes, uma produtora de comerciais possa realizar o trabalho.

2.1.4.2 Jingle

É uma pequena peça de 30 segundos que promove ou divulga uma marca ou produto através de uma música, composta especialmente com este objetivo. Surgida nos Estados Unidos nos anos 30, a canção deve ter uma melodia simples e rápida assimilação. Normalmente, é feito por uma produtora de comerciais a partir do trabalho da agência de propaganda à qual o anunciante da emissora está vinculado.

2.1.4.3 Testemunhal

Utiliza a participação de alguém conhecido do público (ator, locutor, animador, etc.) para a leitura de um texto publicitário. Assim, o produto anunciado tende a ter mais credibilidade junto aos ouvintes/consumidores. Para Barbosa Filho (p. 126), “este procedimento esbarra na ética ao tentar persuadir o ouvinte a comprar algo baseado na credibilidade da pessoa que

vende, e não na qualidade do produto”. Apesar do pagamento de cachê à personalidade em questão, o testemunhal tende a apresentar bons resultados comerciais.

2.1.4.4 Peça de promoção

A rádio transmite algum evento ou cria alguma promoção ou jogo (como charadas, disputas entre ouvintes, etc.) vinculado a algum patrocinador. Objetiva aumentar a influência de determinada programação radiofônica junto ao público.

2.1.5 Gênero propagandístico

A manipulação das massas através do rádio é o mote deste gênero. A propaganda no meio radiofônico é utilizada quase que ao mesmo tempo do surgimento do veículo. Barbosa Filho (2003, p.128) cita que Berthold Brecht, em 1926, já previra que o rádio poderia ser utilizado com este objetivo.

Na década de 30, tanto no Brasil quanto na Europa, o rádio foi amplamente utilizado para mobilizar e influir na consciência da população. Em 1932, a Revolução Constitucionalista em São Paulo e o governo nazista de Hitler e Goebbels na Alemanha surgiram como exemplos notórios do uso deste gênero.

Ainda hoje temos no Brasil um resquício desta época. Trata-se d’*A Voz do Brasil*, programa criado pelo então presidente Getúlio Vargas em 1935, que segue no ar como a voz oficial do governo nacional. Como todos os gêneros anteriores, há subclassificações propostas por Barbosa Filho.

2.1.5.1 Peça Radiofônica de Ação Pública

É o caso d’*A Voz do Brasil*. O objetivo é divulgar ações das instâncias de poder, prestando contas à população. Além disso, a conquista do apoio das massas populares é outra meta deste tipo de programa. Outro exemplo em nível nacional é o *Café com o Presidente*, onde o presidente da República fala diretamente à população brasileira.

2.1.5.2 Programas Eleitorais

Programa sazonal, que é transmitido sempre em períodos eleitorais. Cada partido produz seu próprio programa, com o objetivo de apresentar os candidatos e suas idéias, além de combater os adversários. É dotado de *jingles* e outros artifícios para melhor fixação dos candidatos junto aos eleitores.

2.1.5.3 Programa Religioso

Muito comum hoje, especialmente em televisão. Procura difundir os preceitos de uma doutrina religiosa, atraindo fiéis à base de um discurso emocional. Também produtos ligados à fé são colocados à venda nos programas. Atualmente, a Igreja Católica é dona da Rede Vida, canal que pode ser pego em UHF ou cabo. A Igreja Universal controla também algumas emissoras, além de ter espaços comprados em diversas redes.

2.1.6 Gênero de serviço

Barbosa Filho (p. 135) faz uma ressalva importante quanto ao gênero de serviço. Apesar de trazer informações de interesse direto da população, há uma distinção entre este tipo de programa e o jornalístico. Segundo ele, “a informação de serviço se distingue da jornalística pelo seu caráter de transitividade – indicativo de movimento, circulação, trânsito –, provocando no receptor uma manifestação sinérgica, ao reagir à mensagem”.

2.1.6.1 Notas de Utilidade Pública

Informam os ouvintes sobre prazos, acontecimentos do dia, furtos, coleta de sangue e outros.

2.1.6.2 Programete de Serviço

Normalmente acontece na forma de um quadro dentro de radiojornais. Informa sobre questões jurídicas, de saúde, turismo, etc.

2.1.6.3 Programa de Serviço

Temas específicos de apoio aos interesses da população são apresentados. Tem duração de 30 minutos a uma hora. Ainda insipiente no rádio, mas mais comum em televisão.

2.1.7 Gênero especial

São programas que não se encaixam em nenhum dos grupos acima propostos. Como diz Barbosa Filho (2003, p. 138), é um gênero híbrido, construído meramente para efeito classificatório. Dentro dele, estão os programas infantis e de variedades.

2.2 TEORIAS DO JORNALISMO

2.2.1 Teorias clássicas do jornalismo

As primeiras teorias, segundo Traquina¹⁰ (2005), datam dos anos 30 do século passado. Várias destas teorias duraram por muitos anos, até que foram suplantadas por outras, que vieram com mais base científica e maior grau de atualização à realidade da profissão jornalística. Traremos aqui uma breve explicação das principais, mesmo que não sejam utilizadas neste trabalho.

A mais antiga, e uma das mais conhecidas teorias é a do Espelho. Foi a primeira metodologia utilizada para entender a atividade dos jornalistas, e sustenta que as notícias nada mais fazem do que refletir a realidade, como um espelho reflete a imagem. Esta análise foi considerada insuficiente na medida em que o jornalista, para que a teoria fosse verdadeira, teria de ser um mero relator dos fatos, totalmente imparcial e objetivo.

Uma teoria neste mesmo sentido a esta é a Instrumentalista. Segundo os teóricos instrumentalistas, as notícias são publicadas para servirem a determinados interesses políticos. Na verdade, é uma teoria que sustenta que a realidade é distorcida para algum dos lados conforme os interesses, mas que não nega a teoria do Espelho, pois as notícias, então, podem ser reflexo perfeito da realidade, se a nenhum interessado servirem.

¹⁰ TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo – Volume I: Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2005, p. 145.

Diferente destas é a teoria do *Newsmaking*, que afirma que o jornalismo não “espelha” a realidade, mas ajuda a construí-la:

[...] Tuchman quer dizer que o processo de produção da notícia é planejado como uma rotina industrial. Tem procedimentos próprios e limites organizacionais. Portanto, embora o jornalista seja participante ativo na construção da realidade, não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional, mas sim a submissão a um planejamento produtivo¹¹

O próprio Pena (2005) explica a seguir que a teoria do *Newsmaking* possui conceitos como “valores-notícia”, que explicariam, de forma sistemática, como as notícias devem ser produzidas e veiculadas segundo critérios de importância. Mesmo assim, a teoria acaba perdendo um tanto de sua legitimidade com os fatos, pois, segundo ela, a rotina de produção industrial da notícia acaba por evitar a manipulação da notícia, pois se imporia a esta.

Já a teoria do *Gatekeeper* (do inglês, “porteiro”) sustenta que o jornalista é um filtro que diz o que e o que não é passível de ser veiculado por um veículo como notícia. Entretanto, devido ao fato de que as decisões sobre a publicação de notícias obedecem muito mais a uma rotina de velocidade das redações que a critérios jornalísticos e, agora, com a descentralização da veiculação de notícias – principalmente após o advento da internet, esta abordagem perdeu prestígio.

A teoria Organizacional data dos anos 50, e afirma que a atividade dos jornalistas é claramente influenciada pela organização (empresa de comunicação) na qual estão empregados. Seis fatores elencados pelo teórico Warren Breed seriam os responsáveis para que o jornalista deixasse de lado suas crenças em privilégio das normas editoriais: os chefes e possíveis sanções, sentimentos de dever para os superiores, possibilidade de ascensão profissional, ausência de confrontos ideológicos nas redações, o prazer da atividade de jornalista e a importância de buscar notícias.

Breed ainda cita cinco fatores que fariam os jornalistas se dispersarem deste controle da empresa, dando à sua teoria uma dialética interessante: a falta de clareza das normas de política editorial; os chefes nem sempre detêm o controle total da rotina de produção de notícias; o jornalista ganha respeito do superior quando torna-se especialista em uma determinada área; a pressão do furo pode apressar a publicação de uma matéria; e o *status* de

¹¹ PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 129.

jornalistas mais consagrados. Assim, Breed chega à conclusão de que as normas editoriais são quase sempre seguidas, com algumas pequenas possibilidades de transgressão eventuais (TRAQUINA, 2005, p. 137-8).

Outra das mais conhecidas teorias é do Agendamento (*Agenda Setting*). Segundo esta abordagem, o público consumidor de informações tende a considerar mais importantes os assuntos veiculados pela imprensa, o que acabaria por influenciar e pautar as discussões e os relacionamentos dessas pessoas no dia-a-dia.

2.2.2 Teorias atuais do jornalismo: porque as notícias são como são?

Os principais teóricos atuais não hesitam em afirmar que a pergunta acima é a que explica porque o jornalismo é assim, e não assado. Enfim: “porque as notícias são como são?” é o questionamento que, na verdade, sempre foi a razão de ser das teorias do jornalismo.

O jornalismo surgiu da curiosidade humana de saber tudo o que acontece no mundo. Hoje em dia, porém, as estratégias de mercado dos conglomerados midiáticos têm preferência sobre estes interesses públicos e sociais, bem como dos valores éticos da profissão.

Dentre os vários conceitos que podem ser emitidos para teorizar sobre o fazer jornalístico, há uma série de mitos sobre a profissão. Talvez o principal deles seja o da imparcialidade. É bem sabido que o trabalho do jornalista não precisa (e nem tem como) ser imparcial. Tão batido quanto defender a imparcialidade é retrucar dizendo, verdadeiramente, que cada profissional carrega consigo uma bagagem intelectual, crenças pessoais, etc., que tornam seu olhar “torto” sobre determinado acontecimento. E justamente esta bagagem é que determinará o que deve e o que não deve ser dito na notícia redigida.

Traquina (2005) salienta que há uma rotinização no trabalho dos jornalistas – profissão escolhida por muitos novatos pelo fato de que, supostamente, não teria rotina. Para o autor português, a sistematização na produção de notícias traria maior eficácia ao trabalho dentro das redações – o que o faz flertar, neste ponto específico, com a teoria do *Newsmaking*, que vê a confecção de matérias como uma fábrica de modelo industrial. Traquina cita jornalistas britânicos (p. 194) que atestam a importância da rotina no trabalho dos jornalistas como uma forma de facilitar a produção de conteúdo para ser veiculado.

Quando falamos na rotinização do trabalho dos jornalistas, estamos apenas tratando da questão do trabalho *indoor*, ou seja, dentro da redação. Aquele que o público não tem acesso via meios de comunicação. Ou seja: a elaboração de pautas, a cobertura e o apuramento de informações, a redação de um texto, etc. Não se está tocando, ainda, no produto final.

Até porque, obviamente, a rotinização não é apenas recomendável neste caso: é obrigatória. A rigidez de horários e formatos confere a um programa de rádio, a um telejornal ou a um veículo impresso credibilidade e seriedade. Itens básicos para que uma peça seja considerada jornalística. Um programa de rádio que entra ao ar apenas quando o locutor quiser, ou um telejornal que não tenha hora para começar nem para terminar, não têm qualquer sentido em uma época como esta, em que a vida das pessoas (que são as consumidoras do produto informação) é altamente rotinizada e contada no relógio.

Da mesma forma, a periodicidade de qualquer programa/veículo jornalístico deve estar bem clara a quem irá consumi-lo. Um jornal será diário ou bissemanal sempre; não poderá ser diário em agosto, bissemanal na primeira quinzena de setembro, semanal em outubro ou diário em novembro. Terá de manter uma regularidade, para que todos possam solicitá-lo e lê-lo de forma transparente e sem sobressaltos.

Tratando de jornalismo em rádio, a atualidade é mais do que obrigatória. Foi-se o tempo em que o locutor abria o jornal do dia – com notícias que tratavam de acontecimentos do dia anterior, logicamente – e apenas lia o que nele estava publicado. Hoje, com novas tecnologias que permitem o envio de informações de diversos pontos do planeta em questão de segundos, o jornal é que passou a repetir o que o rádio instantaneamente veiculou, e não mais o contrário.

Ademais, o rádio sobreviveu ao fulminante surgimento da televisão exatamente por ter assumido este caráter informativo e rápido no envio de informações jornalísticas, deixando aquela faceta mais voltada para música e entretenimento para seu “irmão mais novo”. De fato, tecnicamente, a única vantagem do rádio como meio sobre a televisão é esta, do imediatismo. E imediatismo, como bem sabemos, é algo fundamental no jornalismo atual, o que corrobora a teoria de que na atualidade o rádio é um veículo bastante propício para tal atividade.

Outra pergunta importante em qualquer teoria sobre o jornalismo é “o que faz um fato virar ou não notícia?”. Podemos dizer que esta questão explica todas as teorias jornalísticas, tanto as antigas como as mais modernas.

Obviamente, isto remete ao conceito de notícia, que para a revista *Collier's Weekly* (Pena, 2005, p. 70-71) é “tudo o que o público necessita saber, tudo o que o público deseja falar”. Esta definição tem um lado voltado para o jornalismo de serviço e o comunitário, mas é claro que há muitos outros fatores que influem na escolha de que o deve ser publicado/falado e o que não deve.

Para os repórteres que estão no mercado, a escolha é quase que instintiva. Pesquisadores como Mauro Wolf procuraram, não obstante, sistematizar e atribuir um “grau de noticiabilidade”, que tornaria alguns fatos mais importantes de serem noticiados que outros.

Destarte, cada relato é dotado de valores-notícias, que pesam e influenciam nesta escolha. São considerados vários fatores, como a força do fato, a atualidade, a acessibilidade ao acontecimento, a política editorial da empresa, o interesse público, o furo e a concorrência, etc.

2.2.2.1 *Lead*, objetividade e subjetividade

No jornalismo impresso brasileiro, os anos 50 foram marcados por disputas entre jornais que defendiam fortemente suas posições políticas. Apesar disso, nessa mesma época começou a ser utilizado um artifício trazido do jornalismo norte-americano, que sintetizava e dava um caráter mais noticioso e objetivo às notícias: o *lead*¹².

No jornalismo de rádio, então, não poderia ser diferente. Por sua característica sintética e veloz, as notícias radiofônicas são deveras sucintas, oferecendo ao ouvinte o que é de fato importante saber sobre cada acontecimento. Em geral, não passam de um minuto dentro dos

¹² Segundo Pena (p.43), as funções do *lead* são: “apontar a singularidade da história; informar o que se sabe de mais novo sobre um acontecimento; apresentar lugares e pessoas de importância para entendimento dos fatos; oferecer o contexto em que ocorreu o evento; provocar no leitor o desejo de ler o restante da matéria; articular de forma racional os diversos elementos constitutivos do acontecimento; resumir a história da forma mais compacta possível, sem perder a articulação.”

correspondentes, bem como o depoimento de repórteres no local dos acontecimentos, que só é alongado se for algum evento extraordinário ao vivo.

O *lead* é a própria representação da objetividade na prática jornalística contemporânea, ainda que não seja a única representação da objetividade. Este conceito amplo é muito bem dissecado por Felipe Pena. Para o autor, essa não surge como uma oposição à subjetividade, como é comum que se pense a uma primeira vista.

São duas coisas distintas, que não se agridem, mas se complementam. A objetividade estaria nos métodos. Todo o modo como a informação é colhida, verificada, escrita. Uma rotinização do trabalho, que viria para auxiliar e agilizar a busca pelas informações e notícias. Critérios de noticiabilidade, por exemplo, facilitam a escolha sobre o que deve ou não ser publicado, sobre qual a melhor forma de se publicar determinado fato. E, como bem nota Pena, este tipo de indecisão só existe por força da subjetividade que há por trás de todo jornalista.

Por isso, o autor diz que a objetividade não é uma negação da subjetividade, mas sim o reconhecimento da existência dessa. “Seu verdadeiro significado está ligado à idéia de que os fatos são construídos de forma tão complexa que não se pode cultuá-los como a expressão absoluta da realidade” (p. 50), diz ele, numa abordagem que caracteriza bem o anacronismo de teorias como a do Espelho e a Instrumentalista.

Traquina relembra que muitos jornalistas definem sua profissão como “a realidade”. Não deixa de ser uma afirmação verdadeira, mas com uma perigosa propensão a ser mal interpretada. O jornalismo tem a obrigação de sempre falar a verdade. Quando o profissional da área deixa os fatos de lado para inventar, transgride o jornalismo e perde sua credibilidade. O importante é ter consciência de que não há uma verdade absoluta para nada. Cada jornalista tem a sua forma de narrar os acontecimentos; isto é subjetividade.

Verdadeiramente, essa é inevitável no trabalho dos jornalistas. O interessante é aliá-la a uma objetividade de procedimento. Uma das provas de que não há como não ser subjetivo vem de um tema recorrente e tido como “verdade absoluta” pela sociedade: as estatísticas. Muitos periódicos utilizam-nas cegamente, sem fazer uma análise crítica de seus resultados.

Esta é, segundo Felipe Pena (p. 53), “a forma mais simplista (e, acrescentemos nós, equivocada) de aplicar o conceito de objetividade”.

3. PROGRAMAS SELECIONADOS

No presente trabalho, analisaremos a produção jornalística das quatro emissoras universitárias federais do Rio Grande do Sul. Para tanto, é necessário que delimitemos, dentro da programação das rádios, quais os programas que serão observados sob a luz das teorias do jornalismo.

Como dissemos no capítulo anterior, as rádios da UFRGS, UFPel, UFSM e Furg podem ter seus programas divididos em sete grupos diferentes: jornalísticos, culturais, esportivos, musicais, institucionais, acadêmicos e produções externas. Não é somente o grupo enquadrado que define se o programa analisado pratica ou não o jornalismo. O formato é deveras importante.

Neste capítulo, apresentaremos mais detalhadamente os programas escolhidos para a nossa análise.

3.1 RÁDIO DA UNIVERSIDADE – UFRGS

Serão quatro os programas analisados da Rádio da UFRGS. Dois em formato de pílula noticiosa e dois de entrevista, sendo um deles feito por alunos de graduação da própria universidade.

3.1.1 Universidade É Notícia

Trata-se de um noticiário com duração aproximada de cinco minutos, que vai ao ar de segunda a sábado, três vezes ao dia: às oito horas da manhã, às duas e às quatro horas da

tarde. As notícias abordam cursos (próprios da universidade ou não), palestras, atividades culturais diversas e notícias sobre a UFRGS, outras universidades e do ensino superior em geral.

3.1.2 Jornalismo 1080

Outra pílula noticiosa, igualmente em três edições diárias (nove horas da manhã, 11 horas e seis da tarde), porém ausente nos finais de semana. *Jornalismo 1080* também é produzido pelo Departamento de Jornalismo da Rádio da Universidade, e traz notícias de Porto Alegre, do Estado, do País e do mundo, além da previsão do tempo. A duração aproximada é de cinco minutos. Não são apresentadas notícias de variedades ou de esportes, tampouco sobre ensino universitário.

3.1.3 UFRGS Entrevista

É um programa institucional que merece ser analisado pelo seu formato. *UFRGS Entrevista* é apresentado de segunda a sexta, às cinco horas da tarde, e traz sempre um convidado que responde a perguntas durante 10 a 15 minutos. A maioria dos entrevistados é da própria universidade, normalmente professores, mas também técnicos e alunos que estejam envolvidos em algum projeto que mereça destaque. Quando o convidado vem de fora da UFRGS, normalmente fala sobre projetos ligados a alguma área acadêmica ou de interesse da comunidade.

3.1.4 Entrevista Coletiva

Programa produzido para a disciplina de Produção e Difusão em Radiojornalismo II, do curso de graduação em Comunicação Social – Jornalismo da UFRGS. Um grupo de alunos conversa com alguma personalidade, qualquer que seja seu trabalho ou área, durante uma hora, fazendo uma entrevista profunda e extensa. *Entrevista Coletiva* é semanal, indo ao ar às quintas-feiras, às 11 da manhã. Será o único dos dois programas acadêmicos da Rádio da Universidade a ser analisado, visto que *Por Volta do Meio-Dia* é uma rádio-revista.

3.2 FEDERAL FM – UFPEL

Três programas da Federal FM merecem uma análise mais profunda. Todos eles em forma de pílula noticiosa. Por não ter a rádio um perfil mais jornalístico, não há programas de entrevistas que possam ser aqui discutidos.

3.2.1 Acontece

Será avaliado por ser um programa noticioso, transmitido diariamente, com duração aproximada de 3 minutos. Produzido pelo Departamento de Jornalismo da rádio, é a principal peça informativa da emissora. Traz notícias sobre eventos culturais, sociais e econômicos da cidade de Pelotas e municípios vizinhos, sendo um importante canal de comunicação entre a rádio e a comunidade local.

3.2.2 Agenda UFPel

Assim como *Acontece* é periodicamente apresentado nas horas cheias da programação da Federal FM, *Agenda UFPel* é o pequeno noticiário das chamadas meias-horas. Aqui, o enfoque é mais institucional. São dadas notícias atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFPel, além de outras universidades. Programa semelhante ao *Universidade É Notícia*, da Rádio da Universidade (UFRGS).

3.2.3 Federal Informa

Semelhante ao *Agenda UFPel*, mas, neste caso, as notícias apresentadas são sobre atividades culturais dentro e fora do âmbito da universidade. Igualmente, é apresentado em formato de pílula-noticiosa.

3.3 RÁDIO UNIVERSIDADE – UFSM

A Rádio Universidade possui o maior número de programas que serão analisados em nosso trabalho. Ao todo, serão sete diferentes produções, com temas, formatos e produtores variados.

3.3.1 Essencial

O programa é apresentado de segunda a sexta-feira. Com duração aproximada de duas horas (das nove às 11 da manhã), dá destaque a notícias universitárias, locais, estaduais e nacionais, além de entrevistas, comentários, ciência, cultura, literatura e previsão do tempo. Além disso, conta com comentaristas diários e quadros fixos.

3.3.2 Estação Alternativa

Programa igualmente apresentado de segunda a sexta-feira, com duração de uma hora 15 minutos (13h45 min às 15h). De estilo parecido com o matutino *Essencial*, traz notícias universitárias, locais, estaduais, nacionais e internacionais, com previsão do tempo e quadros fixos. O quadro “Giro Regional” abre espaço para jornalistas de emissoras e assessorias de imprensa de todo o Rio Grande do Sul. Ainda há um espaço para dúvidas jurídicas dos ouvintes, e algumas cidades são visitadas pela equipe do programa, ressaltando o caráter de prestação de serviços do mesmo.

3.3.3 Redação Aberta

Assim como os dois programas que abordamos acima, *Redação Aberta* tem caráter noticioso, munido de comentaristas. A diferença maior está no fato de que também acontecimentos esportivos são abordados. O programa vai ao ar de segunda a sexta, das sete às nove da manhã.

3.3.4 Radar Esportivo

Programa que faz cobertura de diversos esportes, não apenas o futebol. Dentre as modalidades abordadas, estão automobilismo, basquete, vôlei e futebol de salão. Os eventos esportivos em âmbito regional, estadual, nacional e internacional são mencionados. O programa é produzido por alunos do curso de Jornalismo da UFSM, e possui quadros fixos. *Radar Esportivo* é semanal, indo ao ar nos sábados, das 11 da manhã à uma hora da tarde.

3.3.5 Universidade Esportiva

Depois de sete anos fora do ar, este programa retornou em julho de 2005 à programação da Rádio Universidade. Traz notícias, entrevistas e comentários sobre os mais diversos eventos

do esporte. É um noticiário que vai ao ar justamente no horário em que grandes emissoras comerciais do Estado entram com produções do mesmo formato: do meio-dia às 12h30min.

3.3.6 Palavra Falada

Programa produzido por alunos do curso de Graduação em Jornalismo da UFSM, integrante do Projeto Rádio-Escola. É levado ao ar no período letivo, tão somente. Apresenta notícias, comentários e análises do mundo da literatura, indo ao ar duas vezes por semana: sextas-feiras, às 16h30min, com reprise na segunda, às 21h30min. Tem meia hora de duração.

3.4 RÁDIO UNIVERSIDADE – FURG

A emissora vinculada à Furg possui a base de sua programação jornalístico advinda de noticiosos da Radiobrás. Destarte, apenas um programa que pode, em princípio, ser caracterizado como jornalístico é produzido pela própria emissora.

3.4.1 Mercado Livre

Programa de caráter de serviços, traz informações sobre acontecimentos da Furg e da cidade de Rio Grande, além de shows, exposições, lançamentos de livros e outros acontecimentos culturais. O apresentador traz ao estúdio convidados e realiza entrevistas com eles sobre estes acontecimentos.

4. ANÁLISE DOS PROGRAMAS SELECIONADOS

Escolhidos os programas que farão parte de nosso estudo, cabe-nos agora trabalhar a análise propriamente dita. Ou seja: tendo em vista o conteúdo destas produções oriundas das quatro rádios universitárias federais gaúchas, faremos a análise sob a perspectiva das teorias do jornalismo e do radiojornalismo.

Esta análise tende a ser bastante dinâmica. Muitos programas serão explicados por mais de uma teoria, e até mesmo aspectos das antigas e ultrapassadas teorias do jornalismo do início e metade do século XX poderão ter seus conceitos utilizados. O período de observação da programação das emissoras corresponde à sua grade dos meses de março, abril e maio de 2007.

4.1 RÁDIO DA UNIVERSIDADE – UFRGS

São quatro os programas escolhidos. Eles podem facilmente ser divididos em dois grupos: as pílulas noticiosas, representadas pelo *Universidade É Notícia* e pelo *Jornalismo 1080*, e as entrevistas, com o *UFRGS Entrevista* e o *Entrevista Coletiva*. Não incluímos em nossa análise as rádio-revistas, como *Universidade Revista* e *Por Volta do Meio Dia*, por serem mais culturais/ilustrativos (o primeiro até mais de divulgação de espetáculos) que jornalístico.

Apesar de possuírem periodicidade, não podemos dizer que os dois pequenos noticiários sejam um exemplo de prática jornalística. Começamos pelo *Universidade É Notícia*. O programa tem cerca de dois minutos de duração, com quatro notícias. Todas as informações ali veiculadas dizem respeito à UFRGS e ao ensino superior. Em todos os programas, são divulgadas palestras, concursos, inscrições, cursos e, raramente, notícias do âmbito

universitário, especialmente o gaúcho. A grande fonte que a rádio utiliza para produzir o programa são as notícias divulgadas no portal da própria universidade¹³.

Acrescente-se ainda que o fato de um programa com notícias voltadas para o ensino superior estar ligado a uma universidade acaba por tirar dele todo o caráter jornalístico, “de investigação e vigilância sobre o poder”, como é classicamente definido. As notícias veiculadas pelo *Universidade É Notícia* tem o caráter de serviço, como dissemos no parágrafo anterior. Não há espaço, tempo ou interesse de que haja uma cobertura jornalística “comum” neste caso, onde o fato de a rádio ser vinculada à universidade acaba inibindo a prática jornalística.

Esta inibição ocorre principalmente pelo fato de que não haveria sentido os meios de comunicação de uma universidade (não só a rádio, mas também o jornal) divulgarem notícias que vão contra os interesses da instituição que as abriga. Seria um contra-senso semelhante a uma emissora comercial confrontar os interesses da empresa de comunicação à qual está vinculada, em nome do bom jornalismo.

Desta forma, as transmissões e notícias de eventos dentro da UFRGS pode ser formatada em dois gêneros: são de caráter de serviço, por informarem à população semelhantemente ao que faz a Federal FM com a comunidade de Pelotas, como veremos adiante; ou no caráter institucional, promovendo ações da universidade, exaltando, divulgando e chamando à população acadêmica e em geral para terem conhecimento sobre os seus feitos.

O *Jornalismo 1080* é um caso diferente. É um típico noticioso radiofônico, mas seu *modus operandi* é o de extrair informações da internet e transpô-las ao rádio. Com isso, o redator é ao mesmo tempo um editor, que seleciona as notícias mais importantes do dia e as resume para que fiquem adequadas ao formato e ao tamanho que o rádio exige. Mas não há trabalho de reportagem, da busca direta pela informação, que é a essência do jornalismo. O que temos é a releitura de um texto publicado em algum portal jornalístico (que, muitas vezes, também o “copiou” de uma agência de notícias).

¹³ www.ufrgs.br

Se Milman (1998, p.21)¹⁴ dizia que a simples cópia de estilo de redação já caracteriza uma distorção e um empobrecimento do jornalismo, o “recortar e colar” não pode ser uma prática jornalística. O *Jornalismo 1080*, muito embora tenha caráter noticioso, não é jornalístico – pelo modo como é produzido. Milton Jung (2004, p.105) costuma dizer que no jornalismo “nada substitui o cheiro das ruas”. As informações veiculadas pelo *Jornalismo 1080* podem ter relevância para os ouvintes, mas sua prática não caracteriza jornalismo. No mais, Jung (p.114) ressalta que “é na reportagem que o jornalismo se diferencia, levanta a notícia, investiga fatos, encontra novidades, gera polêmica e esclarece o ouvinte”. A carência da reportagem, forma mais característica de prática jornalística, explica, em parte, porque o *1080* não é jornalismo.

Esta idéia da cópia vem dos primórdios do rádio, com a chamada *gilete-press* (imprensa de gilete), que consistia no recorte de uma notícia de jornal com uma lâmina de barbear e seu posterior grampeamento junto à lauda que seria lida pelo locutor do noticiário radiofônico. O próprio Milton Jung (2004, p. 117) faz um paralelo interessante entre a prática do *gilete-press* com o chamado *Control C + Control V*, que é a prática de recortar as notícias publicadas em portais e simplesmente colá-las na folha de redação de um noticiário radiofônico.

Aliada à idéia de rotina dentro do trabalho dos jornalistas, está aí mais uma questão implícita e extremamente importante: a peça jornalística é fruto de um processo, com princípio e fim. A elaboração da pauta, mesmo “ocasionando distorções e limitações ao trabalho jornalístico”¹⁵, é a primeira delas. A redação da matéria, no caso do jornal e internet, ou gravação, se o repórter for de rádio ou televisão, é a outra ponta da questão.

Como todo processo, o jornalismo não pode ter nenhum destes passos ignorados, especialmente aqueles que dizem respeito ao trabalho de coleta e checagem de informações. Por isso, a simples obtenção de notícias já redigidas, meras reproduções de agências noticiosas, tão recorrentes em jornais e portais eletrônicos dos dias atuais, não podem ser classificados como jornalísticas.

¹⁴ MILMAN, Luis. *A metodologia de um jornalismo: breve excursão sobre a natureza de um conflito*. In: “Tendências na Comunicação – Vol. 2”. Porto Alegre: L&PM, 1998, p.29.

¹⁵ ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. Coleção Primeiros Passos, nº 15. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 18.

É certo que há uma padronização cada vez mais constante dos textos. Uma mesma notícia, relatada por diferentes repórteres de diferentes veículos, tem um texto cada vez mais pasteurizado, tanto devido às normas técnicas de redação dos diferentes tipos de mídia como ao fato de o noticiário (enquanto modo objetivo e nada opinativo) suplantar o jornalismo analítico como forma principal de publicação de notícias nas últimas décadas.

Mesmo assim, a cópia pura e simples de material jornalístico, mesmo com a devida fonte citada, é a exacerbação deste princípio, senão uma violação do mesmo. Em nome da praticidade e da otimização de recursos, diversos veículos de comunicação mantêm contratos com estas agências, adquirindo o direito de reproduzir o texto relativo a uma determinada notícia na íntegra.

Destarte, e é o caso do *Jornalismo 1080*, qualquer traço de subjetividade é perdido na simples reprodução de um texto já redigido. Como vimos no capítulo sobre teorias do jornalismo, ser subjetivo na coleta e escolha de informações a serem transmitidas é importantíssimo na práxis jornalística. No caso deste noticiário, ainda que a seleção das notícias e que a edição para transformar o texto de internet em peça radiofônica tenha subjetividade, parece impossível considerarmos que existe prática de jornalismo nesta ocasião.

Já no gênero de entrevista, o *UFRGS Entrevista* é jornalístico em seu formato, mas raramente o é em seu conteúdo. O programa é uma conversa da jornalista com (normalmente) um professor da própria universidade. Apesar de ter a função clara de divulgar cursos e palestras das diversas áreas da UFRGS (o que o aproximaria de um caráter de serviço/divulgador), aborda, por vezes, mais profundamente os temas a que tais eventos se referem.

Assim, o programa assume, em determinados momentos, um caráter instrutivo aos ouvintes, que passam a adquirir conhecimentos breves sobre os assuntos tratados. Muito provavelmente, a intenção de quem conduz o *UFRGS Entrevista* com estas questões é dar ao público uma noção do que será tratado em cada evento, para que o ouvinte que se interessar saiba mais claramente o tema e entre em contato (telefone e *e-mails* para contato com as unidades organizadoras são sempre fornecidos).

Portanto, fica claro que o *UFRGS Entrevista* acaba assumindo esse caráter institucional semelhante ao do *Universidade É Notícia*. O programa raramente vai além da divulgação. Sua curta duração (15 minutos) e periodicidade (cinco vezes por semana) deixam bem claro que o seu objetivo é mostrar um panorama dos eventos da universidade, divulgando o máximo número deles possível. Por isso, a grande maioria das entrevistas acaba seguindo uma fórmula: fala-se sobre o tema proposto, as iniciativas da unidade, preços, prazos, etc. Verifica-se aqui uma relação complementar deste programa com o *Universidade É Notícia*. O *UFRGS Entrevista*, de certa forma, complementa as informações divulgadas por aquele.

O *Entrevista Coletiva*, produzido e apresentado por alunos de Jornalismo da Fabico¹⁶, este sim, caracteriza-se como jornalístico. Um entrevistado, sem vínculos com a universidade ou com os alunos, é sabatinado por uma hora sobre os mais diversos temas. Um grupo de, em média, cinco ou seis alunos conversam em três blocos com a personalidade em questão, com paradas apenas para os intervalos. Abordam-se a carreira ou a história de vida da pessoa, suas opiniões, suas impressões sobre temas polêmicos, e outros.

Assim como no *UFRGS Entrevista*, a periodicidade ajuda a destacar o caráter do *Entrevista Coletiva*. O programa é semanal, mas a sua longa duração privilegia entrevistas mais longas e aprofundadas. Não faria sentido uma produção de divulgação com este tamanho, uma vez por semana. Outro conceito utilizado quando definimos a atividade jornalística é um dos pilares deste programa: a atualidade, que se manifesta por vezes nos temas abordados, por outras no convidado escolhido. O *Entrevista Coletiva* pergunta, dialoga e confronta, ações essenciais em programas de cunho jornalístico, tanto ao vivo como gravados.

Obviamente, o fato de ser a Rádio da UFRGS uma emissora pública (especialmente não-comercial) ajuda para que haja espaço para programas mais longos e analíticos como este. Nas emissoras comerciais em AM do Rio Grande do Sul, os poucos que trazem entrevistas longas são basicamente ligados ao jornalismo esportivo, como o *Falcão na Gaúcha*, apresentado pelo ex-jogador de futebol Paulo Roberto Falcão na Rádio Gaúcha, e o *Camarote da Band*, que tem o comando do jornalista João Carlos Belmonte, na Rádio Bandeirantes.

¹⁶ Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande Sul (Fabico/UFRGS).

4.2 FEDERAL FM – UFPEL

A Federal FM é um canal de comunicação importante para a comunidade de Pelotas e municípios vizinhos. Vieira salienta que “é nos jornais do interior que se vê uma maior proximidade entre jornalista e público receptor”¹⁷. Os habitantes que não moram nas metrópoles costumam consumir informações estaduais, nacionais e internacionais pelos veículos maiores, mas as questões locais, que muitas vezes são as que mais afetam e importam à vida das pessoas diretamente, são obtidas por veículos da região. Entre estas notícias estão aquelas relativas à previsão do tempo, trânsito, falta de água, entre outras.

A Federal FM tem sua programação não-musical muito voltada para este tipo de serviço. Não obstante, a rádio ligada à UFPEL não pratica jornalismo. Não há boletins de repórteres nos locais dos acontecimentos importantes, não há coberturas de eventos ao vivo, não há entrevistas. As informações são repassadas aos ouvintes com um caráter típico do gênero de serviço: programetes com a notícia sendo transmitida por um locutor, de modo similar ao que ocorre no *Jornalismo 1080* e, principalmente, no *Universidade É Notícia*, da Rádio da Universidade (UFRGS).

Não queremos aqui discutir a importância do gênero de serviço. Consideramos, inclusive, ele tão importante quanto o jornalístico, tanto nas rádios das capitais quanto nas do interior. Entretanto, nos parece impossível considerar jornalístico um programa de rádio em que não há participação de repórteres. Como vimos antes e como disse Jung (2004, p. 37), “o repórter na rua, acompanhando os fatos, reproduzindo ao ouvinte o que acontece naquele exato momento, foi a estratégia usada pelas emissoras de rádio para recuperar prestígio e competir com a televisão (...)”. É sabido que esta estratégia foi utilizada pelo veículo quando do surgimento da TV, explorando a agilidade inerente ao rádio.

Pois esta forma ágil, ao lado da informação, caracteriza o jornalismo de rádio. Em qualquer tipo de prática jornalística, não é possível prescindir da figura do repórter. Em um programa de entrevistas, o entrevistador é o repórter; um correspondente notícias lido tão somente por um locutor é jornalístico pois, para que a notícia fosse ao ar, um repórter foi

¹⁷ VIEIRA, Toni André Scharlau. *Jornalismo no interior – potencialidades e técnicas*. In: “Jornalismo no Século XXI: a Cidadania”. Hohlfeldt, A. e Barbosa, M. (orgs). Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002, p. 122.

apurá-la. Não é o caso dos noticiários transmitidos pela Federal FM, como não foram os da Rádio da Universidade.

Entretanto, é relevante que saibamos que os programas analisados da Federal FM são de grande importância para a comunidade de Pelotas. *Acontece* é o principal informativo da emissora, trazendo informações sobre eventos diversos da cidade, dando ao público ouvinte um panorama sobre o que ele poderá acompanhar em Pelotas e região. Típico programa com caráter de serviço.

Agenda UFPel é, e seu nome deixa bem claro isso, um informativo de enfoque institucional, destinado mais à comunidade acadêmica da universidade. Informa sobre atividades dentro da pesquisa, do ensino e da extensão na Universidade Federal de Pelotas, sendo, portanto, ainda mais institucional que o *Universidade É Notícia*, que procura veicular também notícias sobre concursos e cursos até externos à UFRGS.

Federal Informa se parece um pouco com o programa supracitado da Rádio da Universidade, pois traz informações sobre eventos culturais dentro e fora da universidade. Esse programa possui um pouco do gênero institucional e outro tanto do gênero de serviço, até porque, como vemos em suas características, traz alguns aspectos presentes no *Acontece* (gênero de serviço, nas informações sobre eventos culturais da cidade), e outros existentes no *Agenda UFPel* (caráter institucional, quando informa sobre fatos dentro da própria universidade).

Entretanto, apesar de realizar este importante trabalho junto à comunidade pelotense, seja realizando programas de serviço ou institucionais, a Federal FM não traz jornalismo em sua programação. Afora estes três informativos, que não dispõem de repórteres, mas sim trazem informações colhidas da internet ou de jornais locais, a grade de programação da emissora é preenchida por música (popular nacional ou estrangeira). Há programas institucionais, que não são apresentados como noticiários. Também há a *Previsão do Tempo*, em duas edições diárias, feita pelos meteorologistas do Centro de Previsão Meteorológica da universidade.

4.3 RÁDIO UNIVERSIDADE – UFSM

Como veremos adiante, é a emissora que possui o maior número de programas jornalísticos em sua programação. Muitos deles são produzidos por alunos, a partir do projeto Rádio-Escola, coordenado por um professor do Departamento de Comunicação Social do Centro de Ciências Humanas e Sociais da UFSM.

Este projeto foi criado em 1994, visto como uma necessidade de organizar a participação dos estudantes de jornalismo da Faculdade de Comunicação Social (FACOS/UFSM) dentro da programação da Rádio Universidade, antes esporádica. Idealizado pela jornalista Áurea Evelise Fonseca, dispõe hoje de um planejamento que o torna viável e permanente. Mais do que uma ousadia, este projeto é fruto de uma tendência para o futuro das emissoras universitárias federais brasileiras:

O futuro do rádio universitário no Brasil, diante das dificuldades apresentadas, é ampliar a divulgação científica, ter a permanente presença de professores e estudantes não apenas do jornalismo, mas de outras áreas como música, história e artes e estabelecer uma programação heterogênea capaz de atender os diferentes segmentos da sociedade.¹⁸

A interação academia/emissora, que deverá revitalizar estas rádios, é responsável por grande parte da programação da Rádio Universidade, além, inclusive, das produções jornalísticas. *Fazendo Arte*, por exemplo, é um programa cultural diário, que conta com a colaboração de estudantes de jornalismo da UFSM. Este programa tem inclusive um *blog*, que pode ser acessado via portal da rádio.

Diante deste contexto de integração entre rádio e sala de aula, a emissora da UFSM dispõe de uma considerável gama de produções que praticam essencialmente jornalismo, em várias especialidades e editorias.

Começemos pelos radiojornais *Essencial* e *Estação Alternativa*, que podem ser analisados conjuntamente, pois são semelhantes. *Essencial* é um programa jornalístico por excelência, de enfoques variados. As notícias locais, da região de Santa Maria, vêm com repórteres, no caso alunos do Projeto Rádio-Escola. Apenas as reportagens estaduais e nacionais não são assinadas pelos repórteres da Rádio, que as importam dos noticiários da Radio Nacional de Brasília, que vêm em pílulas sob o nome de *Nacional Informa*.

¹⁸ DEUS, Sandra. *Rádios universitárias no Brasil*. Porto Alegre: IESALC, 2006, p. 16.

No *Essencial*, entrevistas e comentários ilustram as notícias apresentadas, que tornam ainda mais informativo. Entre os comentaristas, há jornalistas do quadro de funcionários da emissora e professores da Universidade Federal de Santa Maria. A importância dos comentários é ampliar a informação passada pelo repórter, contextualizando-a a partir de uma opinião formada. “O jornalista não deve somente conhecer a técnica de pesquisar, escrever, diagramar, ilustrar e outras atividades complementares. Por mais competente e inteligente que seja, não consegue bons resultados ao redigir sobre um assunto que ignora” (ERBOLATO, 1981, p.11-12).

No fragmento acima, Mário Erbolato ressalta que é necessário o jornalista ir além das técnicas objetivas. Aliar conteúdo e opiniões dotadas de subjetividade com a objetividade necessária para informar de forma eficaz é o ideal.

Especialistas em determinados assuntos viram referência para o público interessado no tema em questão. A opinião qualificada não passa credibilidade apenas para os consumidores de informação; passa também às fontes e muitas vezes até aos próprios patrões. “Geralmente, o jornalista acaba se especializando em uma determinada área. E o chefe vai pensar duas vezes antes de interferir na reportagem dele. Principalmente se a pauta for sugerida pelo próprio repórter” (Pena: 2005, p. 137). Nesta citação, vemos que a qualidade do trabalho jornalístico pode inclusive dar ao profissional especializado com uma liberdade maior para sugerir e incluir pautas que ele julgue interessantes. O jornalista vira uma espécie de autoridade do assunto que domina, o chefe passa a confiar no trabalho dele a ponto de diminuir o controle sobre os assuntos abordados; as fontes passam a respeitá-lo mais por suas opiniões e conhecimentos; e o público ganha com isso um trabalho de qualidade superior ao simples noticiário ordinário.

No *Estação Alternativa*, há o chamado giro da reportagem, onde a emissora faz uma panorâmica, passando por emissoras de diversos pontos do Rio Grande do Sul. O dinamismo deste tipo de cobertura é típico do radiojornalismo. Deste modo, pratica-se o gênero de serviço de modo jornalístico, de modo que um completa o outro, sem serem excludentes, ao contrário de programas verificados nas outras rádios universitárias gaúchas, onde temos informações de utilidade pública à população sem a presença do repórter no local dos acontecimentos. Com isso, pode-se dar uma maior profundidade ao assunto tratado, o que aumenta a qualidade da reportagem e do programa, trazendo a ele maior credibilidade junto

aos ouvintes. O giro de reportagem é uma prática comum em radiojornais, especialmente em rádios comerciais.

Ainda no *Estação Alternativa*, o serviço aparece numa relação direta com o ouvinte no quadro que visa solucionar dúvidas jurídicas dos mesmos. Isso sem falar nas ocasiões em que a reportagem da própria Rádio Universidade visita cidades onde algum acontecimento ou situação está ocorrendo, ressaltando o caráter de jornalismo de serviço que o programa presta junto aos moradores da região de Santa Maria.

O *Redação Aberta* é um programa semelhante aos matinais das rádios comerciais. Vai ao ar das sete às nove horas da manhã, o que comprova a pretensão da emissora da UFSM em concorrer com as rádios comerciais. Semelhante ao *Gaúcha Hoje*, da Rádio Gaúcha, é informativo, munido de comentaristas, analisando, inclusive, acontecimentos esportivos.

Outrossim, o esporte é um dos pontos altos da programação da Rádio Universidade. A despeito do preconceito (ainda) existente sobre transmissões esportivas, a emissora trata o esporte de forma adequada: como um fenômeno cultural arraigado na cultura nacional, e não como um simples divertimento alienante como é sugerido pela intelectualidade conservadora. Logo, as transmissões esportivas são acontecimento jornalístico de importância para a comunidade, e, como tal, merecem destaque na programação.

Barbosa Filho (2003) inclui os programas esportivos, qualquer que seja o seu formato, dentro do gênero jornalístico. Não é nossa pretensão aqui aprofundar a tese de que notícias e transmissões esportivas são tão jornalísticas quanto informações de política e economia. Para tanto, basta lembrar que o futebol (principal vértice do esporte no Brasil) é parte importante da cultura nacional, e merece destaque na programação por atrair interesse permanente da população em seus mais diversos aspectos. Com isso, torna-se mais que uma mera pseudo-atividade alienante, virando algo importante dentro do folclore brasileiro desde o século XX.

A emissora santa-mariense se esmera em realizar um trabalho sério e cuidadoso, não limitando apenas a reproduzir o noticiário comum do esporte no Rio Grande do Sul (informações sobre os clubes porto-alegrenses). Vai bem além disso, introduzindo em sua programação dois programas exclusivamente dedicados ao esporte e dá destaque aos acontecimentos esportivos no jornalístico *Redação Aberta*. Ademais, a emissora, com

narradores, repórteres e comentaristas, realiza transmissões de partidas ao vivo, produzindo as chamadas jornadas esportivas, que são a forma mais pura, informativa e imediata de jornalismo esportivo.

São dois os programas de jornalismo esportivo na emissora da UFSM. O *Radar Esportivo* é produzido por alunos de jornalismo da universidade, e tem periodicidade semanal, indo ao ar aos sábados, com duas horas de duração. Informa sobre esportes além do futebol, e dá amplo destaque a eventos da região, além de eventos estaduais, nacionais e internacionais. Possui quadros fixos e comentários, dando uma idéia geral sobre o que acontece no mundo esportivo que seja de interesse à comunidade de Santa Maria, seja na cidade ou fora dela.

O *Universidade Esportiva* é ainda mais ousado, pois é transmitido em um horário onde as principais emissoras comerciais do Rio Grande do Sul veiculam justamente esporte: durante a semana, do meio-dia às 12h30min. O programa tenta impor-se de duas formas: pela qualidade, já que tem um formato semelhante a seus concorrentes (notícias, reportagens, entrevistas e comentários), e pela diferenciação em tratar os acontecimentos esportivos na região de Santa Maria, que é o grande trunfo de toda a programação de esportes da emissora.

Mudando de espectro, *Palavra Falada* é um programa semanal que trata o mundo da literatura com notícias, comentários e análises. Deste modo, tenta fugir um tanto da banalização do jornalismo cultural, verificada por Daniel Piza (2004) sobretudo nos grandes jornais diários:

Os cadernos diários estão mais e mais superficiais. Tendem a sobrevalorizar as celebridades, que são entrevistadas de forma que até elas consideram banal ('Como começou sua carreira', etc.); a restringir a opinião fundamentada (críticas são postas em miniboxes nos cantos da página); a destacar o clunismo (praticado cada vez menos por jornalistas de carreira); e a reservar o maior espaço para as 'reportagens', que na verdade são apresentações de eventos (em que se abrem aspas para o artista ao longo de todo o texto, sem muita diferença em relação ao press-release).¹⁹

O programa é produzido pelos alunos dentro do Projeto Rádio-Escola, com apresentação de professores, e é veiculado apenas no período letivo. É mais uma iniciativa interessante da Rádio Universidade, que trata com seriedade um tipo de jornalismo que, a exemplo do

¹⁹ PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. Coleção Comunicação. São Paulo: Contexto, 2004.

esportivo, é tratado com desdém por muitos profissionais da Comunicação, pelos motivos explicitados por Piza (2004).

4.4 RÁDIO UNIVERSIDADE – FURG

Praticamente todos os programas de caráter jornalístico da rádio da Furg advêm da Radiobrás, sendo retransmitidos em cadeia. Somente um programa da emissora pode ser passível de caber em nossa análise.

Trata-se do *Mercado Livre*. A bem da verdade, o programa assume um caráter de serviço por divulgar acontecimentos da universidade e da própria cidade de Rio Grande. Tudo é entremeado com entrevistas conduzidas pelo apresentador. Mesmo assim, a face muito mais divulgadora e promovedora que questionadora e opinativa não nos autoriza a concluir que o programa é jornalístico.

De resto, a programação é musical variada, mesclada com notícias nacionais a partir do convênio com a Radiobrás. A falta de recursos é apontada por funcionários como o principal problema para que a programação jornalística não seja mais forte. Outro problema sério é a falta de um curso de jornalismo na Furg (a exemplo do que ocorre na UFPel), o que impede a participação de alunos na programação, algo essencial, como já vimos, para a revitalização das rádios universitárias brasileiras.

Tabela 1
Jornalismo nos programas selecionados

Programa	Rádio	Jornalismo
Universidade É Notícia	UFRGS	Não
Jornalismo 1080	UFRGS	Não
UFRGS Entrevista	UFRGS	Não
Entrevista Coletiva	UFRGS	Sim
Acontece	UFPeI	Não
Agenda UFPeI	UFPeI	Não
Federal Informa	UFPeI	Não
Essencial	UFMS	Sim
Estação Alternativa	UFMS	Sim
Redação Aberta	UFMS	Sim
Radar Esportivo	UFMS	Sim
Universidade Esportiva	UFMS	Sim
Palavra Falada	UFMS	Sim
Mercado Livre	Furg	Não

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do rádio universitário brasileiro atual é bastante claro. Educar transformou-se em prioridade há bastante tempo. Mas estas emissoras devem ir além: elas têm um espaço raro de difundir cultura, com uma programação variada que pode fugir da lógica comercial, de pouco tempo e muita velocidade, a qual é a marca das rádios comerciais em AM nas últimas décadas. Habermas afirma que a “comunicação pública perde vitalidade discursiva quando lhe falta informação fundamentada ou discussão vivaz”.

Portanto, programas mais longos e analíticos são possíveis, visto que o lucro não é, e não pode por lei, ser prioridade. Sem esta imposição comercial, poderiam experimentar, dando chance aos alunos (no caso das universidades que dispõem de um curso de comunicação próximo à sede da suas emissora) de participarem da programação de forma ativa, produzindo programas especiais e jornalísticos, com a coordenação de professores e jornalistas que nelas já trabalham.

Pudemos constatar que a produção jornalística das quatro emissoras estudadas não é marcante, à exceção feita pelo Rádio da UFSM, justamente a que privilegia a participação discente, através de projetos audaciosos, na programação. É fácil notar que esta é a rádio que tem o jornalismo presente de forma mais consistente, e a distância para as suas três co-irmãs é grande neste aspecto. Com isto, preenche os requisitos necessários ao sentido que passarão a adquirir as rádios universitárias federais do País em um futuro bem próximo.

A Rádio Universidade de Santa Maria consegue ir além da simples (e fundamental) prática do jornalismo de serviço à população. A diversidade da programação, com música, cultura, educação e jornalismo coloca-a, certamente, numa posição de destaque entre as emissoras das universidades federais brasileiras. A efetiva participação dos alunos em seis dos sete

programas jornalísticos da emissora aqui analisado mostram a importância deste aspecto na revitalização do jornalismo dentro destas emissoras.

A Rádio da UFRGS vem há alguns semestres desenvolvendo projetos de interação com a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Mesmo que ainda não tenha a mesma proporção do Projeto Rádio-Escola da UFSM, notam-se evoluções da programação jornalística da rádio nos últimos semestres, que antes limitava-se ao “recortar e colar” de notícias veiculadas na internet e no portal da universidade para abastecer os noticiários da emissora. Isso é notório através do *Entrevista Coletiva*, único programa de fato jornalístico da Rádio da UFRGS, que é produzido e apresentado por alunos de Jornalismo da universidade.

Não se trata aqui de questionar o uso deste artifício pela Rádio da Universidade, que certamente não tem recursos, interesse e tempo na programação para contar com vários repórteres que busquem informações. Mas é justamente esta saída, a de procurar a participação dos estudantes de jornalismo, que deu um novo fôlego e, sem dúvida, será a solução para que a rádio incremente e dê ainda maior consistência ao seu trabalho de praticar o jornalismo. Isto sem contar no aprendizado que os próprios estudantes adquirem ao “bota a mão na massa”, fazer radiojornalismo na prática e adaptar-se ao mercado de trabalho numa rádio sem pressões de anunciantes e com um ritmo compatível ao de suas atividades acadêmicas.

Programas como o *Entrevista Coletiva* existem, mas são cada vez mais raros, e até por isso preciosos, no radiojornalismo atual, que prevê velocidade, imediatismo e síntese. Entrevistas longas são bem mais recorrentes em revistas (até em jornais elas têm sumido), mas este programa mostra que ainda é possível haver espaço para um jornalismo mais detalhado, com calma e profundidade no espectro radiofônico.

Programas assim serão o futuro das emissoras universitárias no Brasil, e aqui no Rio Grande do Sul temos um retrato bem claro disso. São quatro emissoras em estágios evolutivos distintos. Se na Rádio da UFSM temos um estágio avançado deste processo, na Rádio da UFRGS ele ainda é incipiente. Entretanto, vemos a emissora porto-alegrense com um bom poder de desenvolvimento. Primeiro, pelos maiores recursos técnicos que esta possui em relação às outras três; segundo, porque há um potencial ainda pouco explorado de interação com os alunos de Comunicação Social da universidade. Estes dois trunfos, se bem utilizados,

podem dar à Rádio da Universidade o salto necessário para que ela passe por esta transformação que as emissoras universitárias públicas brasileiras estão sofrendo.

Já a Federal FM, da UFPel, está um degrau abaixo. Sua programação jornalística é composta de programas de pílulas noticiosas, abastecidas por informações advindas de internet e jornais locais, sem repórteres praticando de fato o jornalismo nas ruas. A inexistência de um curso de Jornalismo na UFPel dificulta esta evolução, pois, neste caso, não haverá como interagir faculdade e emissora.

Mesmo assim, é uma rádio que cumpre um papel importante à comunidade pelotense, praticando um rádio de serviços, que é algo extremamente relevante para um veículo de comunicação situado em uma cidade do interior. Além do mais, promove e repercute festivais e eventos da região, cumprindo o papel que lhe é possível com os recursos que tem à mão.

A Rádio Universidade, da Furg, é a que está em situação mais precária. O escassos recursos financeiros e a inexistência de um curso de Comunicação Social na Furg dificultam muito a “oxigenação” e a modernização da emissora. Atualmente, um programa de debates, noticiários retransmitidos e música compõem a totalidade da programação.

A emissora não possui noticiários próprios: se a ausência de jornalistas impede um trabalho com características semelhantes aos da co-irmã santa-mariense, a rádio nem ao menos possui, em sua programação, de programas no estilo do *Jornalismo 1080* ou do *Federal Informa*, que apenas transpõem notícias buscadas em outros veículos para o rádio, adaptando-as à linguagem radiofônica. Este deveria ser o primeiro passo para que a emissora rio-grandina se revitalizasse.

É preciso lembrar, contudo, que o jornalismo é característico em rádios AM (casos da UFRGS e UFSM), e mais raro em FM (casos da UFPel e Furg). Vendo por este ângulo, a obrigação de produzir jornalismo é maior às emissoras de Porto Alegre e Santa Maria, mas não desobriga as outras co-irmãs a assim fazerem, mesmo que numa escala inferior.

Duas razões primordiais devem levar uma universidade a possuírem uma emissora própria: divulgar cultura e conhecimento é uma delas; a outra é servir como um laboratório real para os cursos da própria instituição, em especial a Engenharia, no caso da parte técnica da rádio, e

o Jornalismo, no que tange a programação. As duas são razões fundamentais. Divulgar o conhecimento é tarefa essencial de uma rádio educativa e pública perante a sociedade. Servir de laboratório prático (e não apenas acadêmico, como rádios intra-muros de faculdades) é importantíssimo para a formação profissional de seus alunos. Portanto, se uma rádio universitária não cumpre estas duas funções, não tem razão para existir ou continuar existindo.

Claro que, como todo processo, não devemos olhar apenas por um ângulo. É dever também das faculdades, em especial dos professores, buscarem uma maior interação com as emissoras, buscando junto às mesmas a realização de programas que auxiliem na formação dos alunos e dê às próprias rádios uma maior qualidade e dinâmica em suas programações

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras Consultadas:

BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003.

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003 (Comunicação).

ERBOLATO, Mário. *Jornalismo Especializado: emissão de textos no jornalismo impresso*. São Paulo: Atlas, 1981.

HABERMAS, Jürgen. O valor da notícia. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 27 mai. 2007. Mais!

JUNG, Milton. *Jornalismo de rádio*. São Paulo: Contexto, 2004 (Comunicação).

KLÖCKNER, Luciano. *O noticiário radiofônico como política de guerra e a edição brasileira de O Repórter Esso*. In: “Batalha Sonora: o Rádio e a Segunda Guerra Mundial”. GOLIN, Cida e ABREU, João Batista de (orgs). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

MILMAN, Luis. *A metodologia do jornalismo: breve excursão sobre a natureza de um conflito*. In: “Tendências na Comunicação – Volume 2”. Porto Alegre: L&PM, 1998.

SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. *Cadernos da comunicação – Volume 6: O Rádio Educativo no Brasil*. Série Memória. Rio de Janeiro, março de 2003.

ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000 (Primeiros Passos, 15).

RÜDIGER, Francisco. *Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2 ed., 2002.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo – Volume I: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2 ed., 2005.

VIEIRA, Toni André Scharlau. *Jornalismo no interior – potencialidades e técnicas*. In: “Jornalismo no Século XXI: a Cidadania”. Hohlfeldt, A. e Barbosa, M. (orgs). Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

Documentos Eletrônicos:

DEUS, Sandra de. *Rádios Universitárias no Brasil*. Instituto Internacional para Educação na América Latina e no Caribe – Iesalc/Unesco. Junho, 2006. Disponível em:

<http://www.iesalc.unesco.org.ve/programas/medios/informe%20r%C3%A1dios%20universitarios.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2007.

Endereços Eletrônicos:

Rádio da Universidade AM 1080 (UFRGS): www.ufrgs.br/radio

Rádio Federal FM 107,9 (UFPEl): <http://federalfm.ufpel.edu.br/>

Rádio Universidade AM 800 (UFSM): www.ufsm.br/radio

Rádio Universidade FM 106,7 (Furg): <http://www.furg.br/furg/unidad/radio/>